PAIRA

JOSIEL VIEIRA

Paira no ar, a névoa.

Névoa esquecimento.

Cinza.

Do momento mais cinza.

Caco, cristal, transparência cinzenta.

Como partido espelho, caem fragmentos de esquecimento, uma chuva paira, calma.

Sem cor.

Momento.

Seis da manhã. Ou quase. Ou antes, ou depois.

Não era noite e nem era dia. Só era cinza e frio.

Em meio à névoa, ele encontrou o Anjo da Solidão.

O Anjo veio, lento, sem pressa, sem vento.

Era menina.

Talvez uns cinco ou seis anos.

— Pensei que os anjos não tivessem sexo — ele observou, sentindo frio.

—Tudo em mim é definição. Por isso sou Solidão — ela sussurrou e sua voz era fantasma — *e sou o Limiar.*

Ela vestia um vestido de tecido lento.

Lento tal uma fuga de algo que não se pode, e se quer.

— Também pensei que, à exceção dos Caídos, os anjos fossem bonzinhos — ele disse sentindo emanar do rosto daquela criança a ausência de luz de uma fotografia desbotada, perdida sob camadas acres de folhas caídas de uma floresta escura, fria, chuvosa, onde nem o sol e nem as pessoas costumam passear.

— Com estes, você negocia a alma. Com os outros, você negocia o que ama.

Disse ela, como um algo do além. Era espectro.

— Pois bem — ele pigarreou e se empertigou, sentindo que a menina não tinha peso ou sentido — sabe qual é o meu sonho. Dê-me sua mão, dê-me sua benção.

— *Esse é o seu sonho?* — o Anjo da Solidão perguntou apontando para o que ardia gelidamente em chama branca e lhe corrompia o coração, embotando sentido e afinando o sentimento a ponto dele barganhar com essa chama branca chamando-a de Anjo da Solidão que apontava para si mesma ao apontar para o coração dele.

— Sim.

— *Pois lhe darei.*

— E o que quer em troca?

— *Sonho por sonho.*

O torpor gélido fez com que ele esfregasse os olhos naquela paisagem impossível, efêmera, enevoada tal um jardim de gelo e esquecimento um pouco antes de qualquer amanhecer, e do anjo que paira, paira e paira, lento, tal uma saudade ou uma impossibilidade, seus cabelos suaves e sem peso, seus olhos com manchas escuras de pequeno cadáver, mas era fantasma transparente e emanava uma seriedade que atormentava e que não se coadunava de jeito algum com o aspecto frágil de criança, e no entanto uma menina vaporosa, e tudo desprovido de cor ou sentido, como se o mundo assim se transformasse.Em geral, ele só enxergava tanto cinza assim quando fotografava, pois se sabe lá por que gostava de fotos em preto e branco. Ele recriava o mundo quando agia assim, abria sombrios portais surrealistas com os mais refinados dedos de sua sensibilidade,difíceis de se adivinhar, quietos, mais que um universo, uma visão de mundo que consegue ser coerente e incômoda mas que só ele podia entender, e talvez por isso nada conseguisse com a sua arte fotográfica hermética.

Ele nada conseguia com suas fotografias. Os críticos o ignoravam, o público não prestava a mínima atenção. As dívidas, o anonimato forçado, o pouco caso das pessoas, no início não incomodavam, mas no dia a dia se transformaram em facas apontadas para seu cérebro, a se aproximarem cada vez mais, espetando, ferindo, lançando-o num desespero. E pessoas desesperadas tomam atitudes mais desesperadas ainda. Foi assim que foi realizar aquele estranho pacto com aquele estranho anjo que cobrou o seu estranho preço. O anjo lançou a fagulha. Era uma chama sem cor, mais ainda assim chama. E o anjo soprou

aquela chama embotada, e o sopro se tornou em vento, e o vento começou a girar a emperrada roda da fortuna que pairava sobre seu destino.

A roda começou a girar, e sua sorte a mudar, e ele não se preocupou em estar dentro da roda da fortuna quando ela girou cada vez mais rápida, fazendo torvelinhos de nuvens cor de chumbo, como num furacão bem furioso, preto e cinza, nodoso como as fumaças que saem das grandes tragédias. Desde que fez o acordo — e já nem se lembrava direito com quem, ou quais os termos desse acordo — sua vida começou a mudar radicalmente; havia virado um furacão em cujo olho estava sua mente, brilhando com muitas idéias e inspirações que surgiam a todo o momento, em momentos radiantes, brilhantes, e singularmente tingidos por cores mutáveis e formidáveis. Nesses momentos ele tinha um autêntico prazer de viver, mas era só nesses momentos. Por outro lado, parecia que outra coisa tinha ido embora de sua vida, algo que fugiu correndo dele. Em todos os outros momentos em que sua mente não criava, ele se deprimia. O mundo para ele era horrível, cinzento, sem graça, sem remédio, sem solução, sem sabor, sem cor, sem carinho, sem nada. Curiosamente, havia outro momento em que ficava deprimido; quando dormia e sonhava de verdade. Eram momentos muito coloridos, disso ele lembrava, mas o deprimiam. No entanto, não sabia que mistério era esse: de ver cores apenas quando criava e quando dormia.

O caminho por onde escorreram as cores de sua vida, esse ele não conseguia mais encontrar, pois, que sua vida em cinza se tornou, tal qual limiar entre o escuro e o claro do quase amanhecer ou quase escurecer. Ou quase, quase enlouquecer, concluiu vacilante, e suas conclusões se equilibram no desespero.

Dia após dia. Tudo cinzento, envolto numa névoa permanente, como um fim de outono eterno. Já não sabia direito como que as coisas chegaram nesse ponto, mas lembra ter chegado num extremo de desespero, naquele limiar onde se vai quando se quer mudar de vez a sorte, onde se encontra os fantasmas e espectros mais sinistros que embalam os estados mentais mais perigosos e

perturbadores. Ele queria sorte na vida, e empurrou a roda da fortuna nesse sentido.

De sorte que a cor está no coração de quem corre. E era isso o que o consolava ao ver e não correr, aos sonhos recorrentes, àquilo novamente. Sem correr ou recorrer, só lhe restava andar, e andava e se arrastava, e com isso rastejava ao que, não se sabe bem, e bem, o que importa se não se sabe o porquê se rasteja? Rasteja-se, e só. Só e sem saída, pois bem: era uma aura cinzenta num nevoeiro interminável. Não via mais cor nas coisas ou nos seres; somente quando criava histórias é que via cor em sua vida; somente quando criava brotava uma vacilante luz solar amarela indefinível em tanta falta de cor, de coração, de coragem, pela fissura selvagem recorria o sol, e escorria um som no espesso nevoeiro. Seguia vendo cor somente em dois momentos: quando criava e quando sonhava. E o inferno era discernir uma coisa de outra, supunha ele ao fechar os olhos e respirar fundo e sem precisar correr, ou caminhar, algumas cores esmaecidas surgiam, isto ele o sentia numa tontura escura, emersas do nevoeiro que paira, trazidas pela não transição que não houvera, cores fracas, mas ainda assim cores, que faiscavam, que cintilavam,que traziam *uma surpresa desagradável e realmente espantosa quando pela primeira vez em cem anos o castelo foi invadido, levando à polvorosa todos os que ali viviam — ainda mais que, da última vez, fora necessário um gigantesco cerco e um exército completo dos inimigos do reino, e dessa vez um único guerreiro era responsável pela invasão. Mas em nada esse ataque espetacular deveu ao outro, pois o guerreiro sozinho enfrentou toda a fúria das centenas de guardas defensores, que em verdade pareciam estar em franca desvantagem. Pois nenhuma seta, das incontáveis que eram disparadas contra o invasor, o feriam, mas antes se partiam quando se deparavam contra a horrenda armadura vermelha com as bordas enegrecidas que o forasteiro usava. Da mesma maneira as espadas se estilhaçavam em tal couraça, que lembrava muito as articulações espinhosas de um dragão, mas, singular armadura, era muito bem moldada, pois parecia estar colada ao esguio corpo do guerreiro desconhecido, tamanha a precisão dos encaixes da carapaça; a bem da verdade parecia mais uma segunda pele que de*

fato uma armadura. E essa armadura peculiar revestia também a face do guerreiro, se amoldando ao nariz, orelhas e boca, como se ele estivesse realmente usando uma segunda pele, mas não de um bicho que ele houvera matado, mas uma segunda pele que houvesse crescido com ele. Esse detalhe apavorante era percebido por todos os que olhavam com assombro para aquele ser; embora lembrasse um ser humano jovem e magro, talvez um rapaz, também parecia uma criatura saída de profundezas desconhecidas, coisa que as garras afiadas das suas mãos encouraçadas e a crina enorme de seu elmo, que era também articulada em segmentos pontiagudos e parecia viva, pois se sacudia de um lado para o outro, animada por desconhecida força, tal qual a cauda de um dragão — só pareciam confirmar. E, singular cavaleiro, não usava espada ou lança, e mesmo assim nada era páreo para ele, pois sua armadura, além de protegê-lo, era ao mesmo tempo arma terrível por causa das proeminências pontiagudas e espinhosas presentes nos dedos, nas costas das mãos, nos antebraços, nos cotovelos, nos ombros, nas costas, nos joelhos e nos pés, como se fosse uma espinhosa criatura marinha vinda de um mar de pesadelo. A crina viva dele também possuía um enorme ferrão na ponta, tal a cauda de um demônio. Um tapete vermelho de soldados feridos foi ficando sendo criado conforme o monstruoso guerreiro avançava. E avançava em direção à torre onde a princesa se refugiara. Percebendo a intenção maligna daquela criatura malévola, o rei ordenou que todos seus soldados protegessem a todo custo o caminho até a princesa, e então uma cinzenta muralha de homens, escudos, lanças e espadas se formou na frente do esguio guerreiro draconiano, no intuito de barrar o seu avanço. Inútil esforço, já que ele abria calmamente o seu caminho em meio daqueles homens. E calmamente ele arrombou os portões, calmamente pegou a atemorizada princesa, calmamente a colocou no ombro, e calmamente se foi do castelo como uma brisa impossível de ser detida, para horror de todos. Ele sumiu nas trevas da floresta como se nunca tivesse existido.

A princesa gritava e se debatia, mas inútil. Além do que suas mãos, joelhos e pés acabaram sangrando ao se debateram de encontro àquelas couraças vermelhas eriçadas de espinhos e rebarbas pontiagudas. Com movimentos

suaves o estranho guerreiro se movia com todo o desembaraço pela floresta, mal seus pés tocavam o chão. Era como um fantasma.

Chegando bem no interior da floresta, onde a miríade de árvores negras e gigantes não deixava chegar nenhuma luz, o guerreiro finalmente chegou ao seu esconderijo de vilão. Era uma caverna ainda mais escura que a floresta. Ele deixou a princesa no pavimento frio das pedras. Em seguida ele raspou as garras na rocha e provocou fagulhas nuns gravetos, e logo uma fogueira se formou e o interior da caverna se iluminou. E quase que isso não era necessário, pois os olhos daquele ser brilhavam demoniacamente na escuridão, tal duas tochas usadas em catacumbas. Completamente prostrada de cansaço, de espanto, de terror, ela perguntou:

— O que é você?

E ele era uma estátua, silenciosa, punhos fechados, olhando para ela enigmamente. Ela julgava ouvir apenas um respirar compassado vindo de dentro daquelas couraças obscuras. E a obscuridade, o espanto e o sangue esvaído de suas feridas foram se fundindo e rodopiando em volta dela, e cada vez mais depressa, até que a fadiga finalmente a derrubou num sono pesado.

No outro dia, ao acordar, ela viu diante de si, postas sobre um tapete de folhas, várias frutas silvestres, castanhas e favos de mel. E aquele estranho guerreiro de cócoras a observá-la com aqueles olhos sinistros. Ela comeu em silêncio. Os olhos dele eram por vezes insuportáveis.

— Água. Preciso de água para beber e para lavar minhas feridas.

Sem nada dizer, o guerreiro a colocou novamente no ombro e a levou até uma parte da floresta tenebrosa onde no meio da vegetação extremamente verde de folhas gigantes que ainda tampavam a passagem do sol havia uma pequena cachoeira de águas espumantes, ruidosas, que caíam num pequeno lago frio, formado por pedras negras. Ela sorveu a água com delícia, quase em êxtase, quase esquecendo sua situação, porém logo se recordou do seu captor, que estava de cócoras sobre uma pedra grande, à beira do pequeno lago, imóvel tal qual uma gárgula. Ao ver a apavorante figura, que parecia ter saída essencialmente do inferno — onde certamente havia sido forjada a armadura

demoníaca — a princesa sabia: seu destino na mão dessa criatura era a morte. Ela deveria tentar escapar, pois decerto pereceria, mas ao menos restava o consolo de perecer tentando reaver sua liberdade. Ela não morreria no cativeiro; isso não era digno de uma princesa.

— Eu preciso me lavar.

E a seriedade com que disse isso deixava subtendido que ela gostaria de se lavar a sós, sem ninguém a olhá-la. E também que aquele tom de voz pressupunha sem contestação que o seu captor era um cavalheiro que atenderia seu pedido.

Por um momento, apenas o frio silêncio veio do guerreiro, permanecido imóvel. Uma gárgula de pedra vermelha, de bordas escuras. Um ser espinhoso. Um jovem desconhecido. Ele lentamente se ergueu, fechou os punhos, estalando assim ruidosamente os ossos da mão, e se afastou de uma maneira intimidadora, como quem oferece uma gentileza esperando outra em troca, por exemplo, a gentileza de que a princesa não fizesse nenhuma estupidez, como, por exemplo, tentar fugir. Todavia, foi precisamente isso o que ela fez.

Com os pés descalços se ferindo na hera espinhosa do chão da floresta, ela saiu correndo, apavorada, com seu vestido branco molhado se rasgando nos galhos, seus cabelos negros molhados e seu rosto congestionado de medo. Era como a perfeita encarnação do pavor o que estava a correr por aquelas árvores gigantes e cobertas de liquens.

Eis que rosnados perpassaram pelas profundezas da floresta. Ela parou para ouvir, quase não conseguindo devido ao bater forte e descompassado do seu coração. Ela olhou ao redor. Só as folhagens e troncos a perder de vista. E os rosnados persistiam, ameaçadores. O que seria aquilo? Perguntou quase não se agüentando mais de medo. Algumas folhas se mexiam sem que houvesse vento. E então ela decidiu correr com todas as suas forças, uma desabalada carreira sem destino, enquanto que a floresta atrás de si ia se fechando em rosnados e uivos. Subitamente o caminho dela acabou: um paredão de pedra trancou a passagem, e quando a princesa se virou, os primeiros focinhos da matilha de lobos foi saindo do meio das folhas. Ela se encostou ao paredão, ofegante de boca aberta, com os

cabelos negros molhados a se entrelaçarem na frente do rosto. Entre os cabelos, os olhos enxergavam incredulamente o seu próprio fim.

Subitamente ouviu um baque, e os olhos se fecharam, esperando o golpe, e as mãos instintivamente tentaram proteger a face. Ao abrir os olhos, diante de si, ela viu o guerreiro, com as garras abertas e o corpo flexionado para o ataque. Ele deveria ter pulado do paredão de pedra, a julgar o estrondo que ela ouviu e o fato de seus pés estarem bem fundos no chão coberto de húmus da floresta.

Mas ele estava de costas para ela. Estava mirando ameaçadoramente os lobos!

As feras atacaram-no. E despedaçaram suas presas de encontro à armadura do guerreiro, além de ficarem com as bocas feridas por causa dos espinhos da couraça. Ele, por sua vez, girando o tempo inteiro com bastante desenvoltura guerreira, era mais fera do que guerreiro, e despedaçava os lobos com as garras de suas mãos e degolava as suas cabeças prendendo-as entre o braço e o antebraço, que funcionavam como as tenazes afiadas de um caranguejo gigante. Pedaços de lobo voaram para todos os lados, até que os sobreviventes feridos da matilha fugiram, ganindo. De pé, em meio a um mar de sangue, carne, vísceras e patas arrancadas, ficou apenas o guerreiro, incólume. Sua armadura esta um pouco mais vermelha. Então ele se virou e caminhou lentamente para a princesa. Chegando perto dela, a encarou tão de perto que ela contraiu o rosto, ao sentir o cheiro enjoado de sangue que o cobria. Ela sentiu quando ele pôs uma das mãos espalmada do lado da cabeça dela, escorada na pedra. Um estrondo e ela fechou os olhos. Depois os abriu devagar, e notou com o canto do olho que ele havia dado um soco violento com a outra mão na pedra, do outro lado da cabeça da princesa, e fora tão forte que parte do punho espinhento entrara de maneira profunda na rocha dura e cinzenta.

— Não tente mais fazer isso.

A voz dele era o próprio hálito de dragão, quente, profunda, as palavras eram labaredas invisíveis, coruscantes sem o sê-lo, derretendo sentido e alma, espírito e resistências.

Ele retirou a garra da rocha, arrancando consigo uma pequena parte da parede de pedra, e mais uma vez ela se encolheu de medo. A seguir o dragão em forma de homem a carregou consigo mais uma vez.

As feridas da princesa doíam, e ela gemia de dor.

— Espere aqui — o guerreiro disse, ao sair da caverna. Ela tremia sobre a pedra fria que era o chão da caverna. Pouco depois o guerreiro voltou com as peles dos lobos, já devidamente separadas da carne. Ele forrou o chão e a pousou cuidadosamente sobre as peles quentes a princesa. Em seguida saiu novamente e trouxe, embrulhado em outras peles, vários tipos de folhas, galhos, raízes e cascas. O guerreiro pegou um pequeno caldeirão que estava num canto, o encheu da água que escorria numa das várias goteiras que a caverna possuía. Raspando as garras na rocha novamente produziu intensas fagulhas com as quais acendeu mais uma fogueira e então se pôs a preparar um ungüento. A princesa delirava de febre, falava coisas incompreensíveis. Após algumas horas o ungüento ficou pronto, e então o guerreiro mergulhou uma das garras na poção e com ela foi delicadamente passando nas feridas da princesa, nas feridas dos braços, pernas e mãos. Depois ele ainda lhe preparou uma infusão de folhas de chá, o qual ele despejou nos lábios da princesa, já que ela sequer tinha forças para tomar sozinha.

Ela passou uma noite difícil. Mas no outro dia estava bem melhor. Do lado de sua cabeça estavam postas novamente frutas e favos de mel. E aquela criatura, aquele demônio em forma de guerreiro

Ela se aprumou e o olhou firme:

— Você me seqüestrou. Por quê? Não creio que seja inteiramente mau.

Ele continuou um silêncio.

Eu vi você lutando. Você parece invulnerável. Não parece que haja algo nesse mundo que possa detê-lo. Você pode conquistar o que quiser. Então qual o sentido do meu seqüestro? Afinal, o fim de um seqüestro é o tesouro do resgate, e, se você quisesse, poderia ter levado qualquer tesouro do castelo de meu pai ou de qualquer castelo do mundo. Você não precisa do subterfúgio do seqüestro para conseguir uma riqueza digna de um rei. Então, por que me seqüestrou?

— Há tesouros que não se pode conquistar, princesa.

Os dias se passaram, mas ali, no âmago da misantropia da floresta, o tempo nada representava. A princesa queria muito voltar para seu lar, mas ao mesmo tempo crescia nela a vontade de saber qual o segredo que envolvia o misterioso guerreiro. Ele não era mau, isto ela podia adivinhar. Mas então qual o motivo daquela armadura? E porque ele nunca a tirava? De fato, a armadura lhe parecia muito mais como uma segunda pele dele, não somente porque nunca o vira sem, como também porque a armadura era perfeitamente amoldada ao corpo dele, com um grau de precisão que era impossível por mãos humanas. Houvera então uma ocasião em que ele lhe trouxera uma flor muito delicada, e era difícil de entender como a flor não se espatifara em suas mãos grotescas. Agradecida, a princesa pediu:

—Eu gostaria de lhe beijar a face em sinal de agradecimento. Mas eu não posso fazê-lo se você não tirar ao menos seu elmo; por certo sabe que sua armadura é toda espinhosa e pontiaguda, e caso eu tente beijá-lo com você todo protegido assim, certamente eu vou me ferir muito. Além do que você não sentirá os meus lábios.

O guerreiro se afastou um pouco. Disse então.

— Lamento, princesa. Mas não posso fazer isto.

— Por que não? Por que se protege o tempo todo, mesmo quando não há perigo? Eu não consigo compreender. Veja essa flor que você me trouxe. Por acaso conseguiu senti-la em suas mãos estando elas assim tão encouraçadas?

Ele em silêncio permaneceu.

Dias depois ela o flagrou tentando sentir folhas e flores entre as mãos. Como nada conseguia sentir, colocava mais pressão entre os dedos blindados, pelo que as folhas e as flores se espatifavam facilmente em minúsculos pedaços. Ele notou que ela estava por perto. E então ele se sentou sobre uma pedra. A sua crina de placas e crostas móveis de dragão começou a se mover languidamente de um lado para o outro, como se fosse o rabo de um gato.

Um profundo suspiro veio de dentro daquelas couraças agressivas, como as de um crustáceo gigante, ou de alguém que se esconde numa concha.

— Quanto ódio alguém pode sentir para se defender? Há muito tempo uma criança foi abandonada nesta floresta. Inocente e frágil, abandonada à própria sorte, por pessoas cruéis do castelo que queriam se livrar dos órfãos do reino que ficavam perambulando pedindo esmolas. A pobre criança chorou e chorou, e passou fome, frio, medo e solidão. Noites terríveis lhe sobrevieram, onde a pobre criança rezava em silêncio para não chamar a atenção dos perigos noturnos que poderiam devorá-la.A criança sentiu todo o desamparo do mundo em sua pele, todo o medo do mundo em sua pele, todo o terror do mundo em sua pele, até que ela se cansou de sentir tantas coisas ruins e passou a se endurecer e a se cristalizar.A indiferença tornou-se uma segunda pele para aquela criança, e o ódio fez com que aquela pele se eriçasse de espinhos e protuberâncias afiadas.A criança havia descoberto o segredo para nunca mais se ferir na vida: se embrutecera, e ficara insensível. A insensibilidade era o segredo do bem viver sem se afligido por mais nada nessa vida, nem de bom ou de mau, isto ele o percebia insensivelmente, mais até sentindo um certo prazer ao ver que, graças as suas couraças que se enrijeciam cada vez mais com o passar das estações, nenhum frio ou calor intenso, nenhuma tempestade, nenhuma fera poderia mais lhe fazer quaisquer males. Finalmente ele havia triunfado sobre todos os abismos da vida, e isto sem ajuda de ninguém. Havia ainda algo a fazer para ele ser totalmente feliz, ou ao menos assim ele supunha. Ele tinha uma pequena vingança a fazer contra aquele reino que o abandonou à própria sorte, e assim resolveu raptar aquilo que os habitantes do reino julgavam o bem mais precioso: a princesa, frágil e inocente esperança de perpetuação da dinastia real. O plano era muito bom, previa o seqüestro e a exigência de enorme fortuna para a devolução da futura rainha. Ela seria devolvida por seu captor... em pedaços, já que o plano não estipulava em que condições a princesa seria entregue, para supremo horror das pessoas do reino e para o supremo deleite da vingança daquela criatura que, em si era o total oposto da princesa: guerreiro dragão era odiado por todos, e era um monstro insensível, ao passo que o reino inteiro gostava da princesa, que era realmente um ser adorável e sensível – e isso o captor logo pôde constatar por si próprio, e não soube se foi isso ou outra força que o fez abandonar a coragem de

levar o plano adiante; mais ainda, de sentir uma vergonha e tenebrosa somente pelo fato de ter elaborado tal terrível plano contra uma pessoa que nada tinha a ver com sua tragédia pessoal, e que de resto ela era tão inocente dessa injustiça que poderia lhe ocorrer quanto a própria criatura fora quando criança abandonada na floresta; e ele agora sente com todas as forças que a perpetuação de uma injustiça jamais sanará alguma outra sofrida.Ele agora se sente pequeno, e logo se advinha que ainda é um menina ainda, um menino dragão que tem muito medo do mundo, que sempre o feriu e sempre o castigou, muito além do que uma criança poderia suportar, e por isso ele tem medo de atender o apelo da princesa e se desnudar, pois se assim o fizer, fatalmente morrerá. Ele gostaria muito que a princesa o entendesse, mas sabe que isso é impossível já que ninguém no mundo sabe em seu íntimo o que leva alguém a perder totalmente a intimidade com a vida e se proteger através das grossas couraças do ódio e da insensibilidade extrema, mesmo se adivinhando que tal insensibilidade é apenas uma boa mentira usada para ele se proteger; todavia a mentira se derrete diante do não entendimento bonito que o menino-dragão sente vir da princesa, e ao sentir isso ele sabe que as couraças já não lhe adiantam mais, pois também sente outra coisa pela princesa, uma coisa ao mesmo tempo sem tamanho, e boa a ponto de ser mais ameaçadora que todo dragão e toda seta que se estilhaça diante do dragão; o coração do menino dragão foi alvejado por algo que ele sabe ser fulminante, portanto o menino dragão atenderá o desejo da princesa, pois a quem ama nada é melhor do que atender o capricho do ser amado, ainda que nesse capricho esteja a destruição de algo em sua vida, e sempre algo precisa ser destruído para que outra boa nova chegue, imensa, plena, como a primavera e a lua cheia.

Ofegando bastante, o menino-Dragão se afastou um pouco e ficou parado uns momentos, hesitante. Então fincou as duas mãos por cima das placas peitorais de sua armadura-pele e, dando um urro de dor, e com todas as suas forças, foi puxando a crosta para frente e para baixo. Com apavorante ruído como o de uma profunda raiz de uma gigantesca árvore sendo puxada por uma força descomunal, a placa foi lentamente se destacando do seu peito, esguichando

sangue abundantemente e com tiras de carne sendo puxadas elasticamente até se romperem, como se fosse alguma espécie de pedaço de queijo derretido que estivesse sendo puxado. Tiras de carne vermelhas, tiras de gordura amarelentas e pruridos roxos e esverdeados voaram para todos os lados quando a placa peitoral caiu no chão, com um estardalhaço semelhante à queda de um escudo de bronze. O jovem guerreiro se prostrou, ofegante, e através do manto de sangue já se poderia se adivinhar o peito frágil de um adolescente ainda quase menino, que repetiu a mesma dolorosa operação para todas as partes blindadas de sua armadura viva; operação dolorosa quase acima do limite humano suportável, pois quem é o santo que arranca as proteções pecaminosas do seu coração sem dor e sem desespero? As placas eram jogadas no chão, causando enorme barulho, como o soar de gongos sinistros, e imediatamente perdiam o tom avermelhado e se escureciam como uma noite ruim perdida no tempo, da qual temos que nos esquecer para que a vida siga adiante. Um mar de sangue escorria do corpo do pobre rapaz. Nenhuma criatura viva poderia agüentar tanta autoflagelação apenas para se mostrar inteiramente para alguém, sem máscaras ou proteções, era inconcebível que alguém agüentasse tanta dor em nome do amor; pior parecia que toda dor que ele evitou sentir até aquele momento veio então tudo de uma só vez, e era uma dor que mesclava a sensação de ser queimado vivo com o de ser degolado e esmagado lentamente, mais por cima de tudo isso paira no ar a névoa da libertação; tênue névoa, mas ainda assim libertação.

O amor faz nascer.

— Falta você, minha velha amiga.

E o guerreiro ergueu as mãos ensangüentadas para retirar o capacete. A sua crista viva, assim que percebeu que ia se soltar da cabeça dele, começou a se retorcer freneticamente, pois sabia que ia morrer. Um urro de dor e a mascara caiu no chão, aos seus pés. A crista estrebuchava tal a cauda arrancada de um pequeno réptil, mas os seus movimentos foram ficando mais lentos até que o inexorável não movimento do que é morto se apossou dela.

Como alguém que nasce o menino ficou estirado no chão, tremendo, imerso em sangue e lágrimas, desprotegido totalmente, e ela em vez de um

terrível guerreiro encouraçado enxergou pela primeira vez um jovem fragilizado, que tremia em desalento por estar sem suas proteções, proteções tão laboriosamente criadas que, se haviam deixado-o fragilizado, é certo que também o defenderam contra esse mundo frio, cuja frieza ele voltara a sentir. E voltara a assim sentir a frieza do mundo por causa dela, por amor a ela.

A princesa se aproximou do menino ofegante, e se curvou. Num átimo os dois olhares se cruzaram e tudo fez sentido, o mundo parou e o esplendor surgiu em forma de poesia:

Sou o menino-dragão
vejam minhas garras
e a chama
em meus olhos!
Sou mau e sou odiado
porque nem a espada e nem a flecha
podem fazer-me mal
Evito as pessoas, não as olho
para não assustá-las
Vivo numa caverna
longe, longe
As pessoas me odeiam
Pois eu seqüestrei a princesa
Ai de mim!
Ela se apaixonou por mim!
E ela não entende
que seu rapto foi castigo
Explico-lhe que deve se casar com o príncipe
e não comigo, um sinistro menino-dragão.
Um menino-dragão arrogante,
cruel, impiedoso e frio
Que nunca soube o que é carinho.
Dito isto, eu vi

que estava
acariciando seus cabelos
e chorando ao seu pescoço.

.

O esplendor surgiu.

O esplendor de mil lanças e outros tipos de setas.

— Atenção, homens! Disparem à vontade!

Nunca se soube se a princesa havia ludibriado o menino-Dragão para que ele tirasse a armadura com o fim dos soldados do reino poderem atingi-lo, ou se havia sido realmente guiada por um nobre sentimento, amor talvez, e esse é um segredo que os dois levarão consigo, pois a princesa também fora atingida pelas setas das centenas de arcos e bestas que fizeram chover morte sobre aqueles dois.

Incontáveis flechas voando, uma nuvem eriçada no ar, escura, sibilando, apagando o sol amarelo com escuridão, e tudo ficando escuro, escuro, entre silvos no ar, voando inexoravelmente, fazendo o sol sumir, apagando as cores, apagando, sumindo, e todas as cores foram sumindo, escurecendo, escurecendo, até que a nuvem escura, como que desenhada por um lápis negro invisível foi esmaecendo e dando lugar à névoa que paira sobre a vida dele, que ofegante volta à sua realidade cinzenta, sem cor e sem saída, ofegante realidade. O fim de uma grande história agora lhe era doloroso, pois era o momento que despertava para sua vida cinza, onde ele paira como uma névoa.

....

O lápis negro invisível que desenhara a nuvem fatal viva eriçada de setas parece que também tinha sido o responsável pelos tons de grafite do quarto, pois de alguma forma aqueles tons lhe cutucavam de maneira desagradável, como a lembrá-lo que mesmo ali a ausência de cor continuava.

A sala em que estava era arredondada, logo se adivinhando uma torre, e também que deveria ser acima do quarto andar, pois pelas janelas de madeira vinha recortes escuros do horizonte entrecortado de prédios mais escuros ainda, por cima dos quais o disco pálido de um sol desbotado e sem luz se escondia por entre nuvens rápidas e vapores, talvez de fábricas ocultas,talvez de outras estranhas construções quem sabe internas, quem sabe se a expressão da angústia em filme preto e branco. O piso de tábua rangeu quando ele caminhou para se assomar à janela. Ele se debruçou, e por uns momentos ficou vendo aquela desolação sem pensar em nada. Às vezes o nada é o de mais consolador que possa haver, e nada houve em sua alma por uns instantes, até chegar o fatal momento em que o nada vira alguma coisa, a guisa de fortuitos pensamentos que, como facas de um artista de circo, são atiradas contra a moça que está na parede, e vão delineando as curvas dela de uma maneira perigosa, dir-se-ia que assim é que a consciência é rabiscada na parede onde prisioneiros são fuzilados juntos a outros a quem chamamos de coração e alma.

— Isso não é verdade — falou alguém.

Ele se virou para seu interlocutor, um homem de terno listado, óculos e bigode. Não era velho, o homem, mas tinha um ar de antiguidade, combinando com aquela sala arredondada onde estandes de livros de capa dura, já muito manuseados, se intercalavam nas paredes entre as janelas. O seu interlocutor ocupou outra janela, perto da dele; pôs as mãos para fora, seguras como numa prece para tanto cinza a pairar sobre tanta vida, e continuou:

— Fale mais.

— Nada estaria tão ruim assim, e na verdade nada está ruim, por assim dizer, se não fossem os sonhos que me atormentam.

— Então são pesadelos.

— Não. Não são pesadelos. São maus sonhos.

— E qual a diferença?

— De pesadelos a gente acorda aliviado. Eu... eu acho.

E como o seu interlocutor pôs a cabeça para fora da janela, a sua voz parecia vir do próprio horizonte cinza, distante, uma voz também cinzenta dita por alguém oculto como as fábricas, cuja voz quase poderia desenhar um rastro cinzento no céu sem cor.

— Sonhos que não trazem alívio... Fale sobre eles...

Ele fez uma pausa. Baixou a cabeça. E começou:

— Eu sou um contador de histórias. Sou, por assim dizer, um sonhador.

— Sim, é verdade. Mas antes você era fotógrafo — ponderou o interlocutor.

Silêncio.
— É, eu era fotógrafo.

— Lembro de suas exposições no centro cultural. Você sempre tirava fotos de maneira artesanal, em filme preto e branco. E as fotos saíam como se tivessem sido tiradas em 1910, ou 1920, ou 1890. Provocavam uma sensação de estranhamento, pois não era o sentimento cronológico que chamava a atenção, e sim uma absurda sensação de estranhamento, que fazia com que a pessoa que visse fosse tomada por uma profunda solidão. Como se fosse uma luta perdida.

— A idéia era justamente essa.

— Era como se alguém do passado tivesse ressuscitado e começasse a ver as coisas do nosso mundo atual.

— Bem, que bom que percebeu isso. Na verdade, minha intenção não era bem essa, mas fico feliz que tenha lido isso. Pena que quase ninguém entendia a minha proposta e quase morri de fome.

— Sim, sei disso.

— E como a fotografia não pôde fazer com que eu me sustentasse, eu decidi virar escritor.

— E se deu bem.

— O problema é esse.

— Não entendo.

— Minha profissão é sonhar os sonhos que depois milhões de pessoas vão vivenciar. Virei um contador de história muito bem sucedido, sou rico e famoso. Eu tenho milhões, talvez bilhões, em moedas de todos os países, tenho uma esposa que me ama... o que mais um homem pode desejar? Talvez nada. Sim, eu desejo o nada. Queria não mais sonhar. Queria não ter mais o transe criativo, que é atualmente o único momento onde vejo coisas com cor. E também nos sonhos ruins que eu tenho.

— Você evita falar nos seus sonhos ruins. Diga de uma vez por todas o que você anda sonhando.

— Meus sonhos são muito coloridos. Neles eu sou um jovem extremamente pobre e sem fama alguma, que tem um emprego insuportável e ganho um salário miserável. Nos meus sonhos, sou solitário, e não tenho mulher nenhuma. Nos

meus sonhos, nunca consegui ser feliz ao lado de qualquer garota. Nos meus sonhos, sou absurdamente infeliz, o que é um paradoxo, pois em geral os sonhos costumam ser uma promessa de felicidade para as pessoas, mas para mim eles representam apenas o fim do mundo. E o mais grave é que meus sonhos estão contaminando minha realidade, uma vez que talvez de tanto sonhar infelicidade eu acordo infeliz e acabo não vendo alegria nas coisas, de maneira que tudo para mim é cinzento, sem cor. Bem, é isso.

— Mas você não acha paradoxal que justamente esses sonhos sejam coloridos?

— Sim. Somente os meus sonhos e os momentos em que crio é que possuem cor. De resto, nada mais existe de colorido.

— E o que você acha que possa significar?

— eu... não acredito muito em significados — disse o escritor, o arauto significativo.

— Sim, sim... nada significam de fato... sonhos são apenas um lote que se quer comprar na região do Nada absoluto. Mas a que preço pagamos?

— Talvez seja melhor perguntar o preço dessas coisas ao anjo da solidão – disse o escritor solitário — pois a solidão é realmente um anjo que tranqüiliza a quem olha para o nada.

....

O homem vem do nada, do nada tira seus sonhos e suas coisas e depois, quando se fadiga de uma ou outra coisa volta a contemplar o nada. Ele, o escritor, via em que o seu Menino-Dragão havia se desdobrado: da história surgiram as adaptações para o cinema, para os videogames, fizeram figurinhas, peças de teatro, roupas infantis e juvenis, lancheiras, cadernos, bonecos e uma infinidade de brinquedos e bugigangas, jogos de RPG, páginas de internet, mundos virtuais inspirados no enredo, a lista literalmente não tinha fim. Mas poderia o verde das

notas suplantar o cinza de sua vida? Isso significava que, uma vez criada a história, o que ela trazia para ele não significava nada de fato. Eram apenas entretenimento barato para desviar a atenção do horizonte sem cor que lhe fustigava como uma tempestade.Um horizonte sem perspectiva, onde uma pálida lembrança de uma menina bem pequena e bem pálida passeava. O anjo da solidão.

Sim, ele se lembrou do encontro com o anjo da... Dos termos do acordo. Aos poucos ia fazendo sentido o terrível preço a pagar. Antes tivesse negociado com um demônio, ele ruminou.

Sonho por sonho. Suspiro. Era tão fácil criar sonhos que depois iriam ser habitados por centenas de milhões de pessoas!...O impasse era saber que nem isso era suficiente para desviar a atenção da verdadeira desolação. Há lugares piores do que o inferno. Ao menos lá há as cores das chamas e o cheiro de enxofre, ao passo que o seu existir era uma espécie de água sinistra: sem cor, sem cheiro e sem gosto. Principalmente os dois últimos malditos adjetivos.

Ele se sentou num banco de praça. Era bom estar passeando num país estrangeiro, num país estrangeiro de merda, onde milhões de filhos da puta falam uma língua diferente e incompreensível. Não ser entendido. Às vezes isso é o tesouro secreto de um contador de histórias, onde ele se refugia para não contemplar sua miséria. Mas sempre tem um ou outro tolo que lhe pede explicações, sobre as metáforas, metalinguagens e lirismos, um ou outro tolo que lhe pede ouro, ouro dos tolos. Será que o Menino Dragão refletia os maus tratos da vida do caralho que o escritor teve na sua infância de filho da puta? Foda-se quem pergunta esse tipo de coisa. Queria que todos morressem, todos de uma vez por todas, virassem merda, virassem esterco, ou adubo para finalmente ter alguma utilidade, como por exemplo, adubar a praça que há atrás de si. Em sua frente há um cinzento rio estreito, poluído, e sobre ele há uma velha ponte de pedra escura, acinzentada, onde namorados passeiam, alguns com flores

roubadas da praça, outros com flores compradas. Nada disso lhe interessa. Bate o calcanhar do sapato com força no chão de paralelepípedos – cor de grafite – o que são as flores senão o adubo com outras cores? E o que são cores, senão precisamente aquilo de que sua vida carece? O que é uma ironia, pois havia muita merda em sua vida, e muita pouca cor, muita pouca flor, e muita, muita dor, quase nenhuma amor, e amor é aquilo que da flor emana e atrai os insetos e os homens apaixonados, que não passam de uns insetos, sempre atraídos pela promessa de amor que da flor emana, e no ar há o sabor etéreo que se esparge, invisível dourado, *que atrai aqueles homens, fulminados pelo perfume que traça caminhos imaginários no ar, nas almas e nos seus corações primitivos, pois são os corações primitivos os mais vulneráveis aos caprichos das coisas do amor, tão propícias aos recônditos do ser ávido por tudo o que o outro pode dar,assim como uma árvore que dá frutos aos famintos, ou uma árvore que dá flores aos insetos, só que aquelas árvores peculiares eram as mais perturbadoras que possam haver, pois elas davam flores em forma de meninas-flor, meninas na flor da adolescência, no auge da maciez e do perfume, meninas de corpo verde claro e transparente e de longos cabelos verdes escuro, através dos quais elas ainda eram ligadas às árvores. Formas voluptuosas, sensuais, delicadas, provocantes como as mulheres o são nos seus dias mais inspirados, mas aquela era toda uma floresta coberta por essas estranhas flores feminóides, que, como ninfas, brincavam ao redor dos troncos negros e retorcidos e gigantes de suas respectivas árvores, e faziam com tal desenvoltura que enchiam o ar com o seu perfume e a sua graça, e o seu doce perfume verde, perfume de primavera em seu auge, atingia os instintos daqueles homens das cavernas como um soco, como uma tapa estimulante, um convite irrecusável. Os homens embrutecidos, primitivos e puros não hesitam em se embrenhar naquela floresta onde as meninas-flor já os esperavam, todas receptivas, lânguidas, com olhares oferecidos e convidativos. Logo elas se posicionavam da maneira selvagem com que as mulheres primitivas costumavam se oferecer aos machos, e logo todas elas eram cobertas por aqueles machos que quase esgotavam todas as suas forças naqueles movimentos, onde as flores eram possuídas por eles, e através daqueles corpos transparentes eles viam sua seiva*

se espalhar profundamente. Elas não reagiam ou se negavam. A natureza das flores é assim. A flor é uma entrega total a qualquer inseto que queira sugá-la. Nada existe de mais passivo do que a flor, que se oferece com o seu perfume e as suas cores e formas de uma maneira quase desesperada. Nada havia naqueles rostos das meninas-flor, a não ser a resignação de saber que sua missão está sendo concluída. Era uma expressão quase tão transparente quanto seus corpos. Transparente quanto a verdade, que aos poucos ia ficando opaca com a violência com que os homens das cavernas a possuíam e as maculavam com o jorro dos seus corpos. Pois nas cavernas não há flores, só há escuridão, e por isso os homens ansiavam pelas meninas-flores, pois as violentando daquela maneira pensavam em levar um pouco daquela essência para as cavernas sombrias de onde vieram. O homem é sombrio em sua caverna, e tenta adentrar em outros sulcos, outras cavernas, algumas de pedra, outra de escuridão, outra de carne, outra de tentação, outra de perfume, outra de desejo, e continua sendo um autêntico homem das cavernas, pois a todas têm e continua ignorante sem adivinhar-lhes o segredo.

E qual o segredo de uma flor?

Qual o segredo daquelas meninas?

O que quer uma flor em forma de menina?

Com o que sonha?

Sonhos de morte, sonhos de morte, sonhos de morte...

Uma película se grudava aos corpos dos homens das cavernas conforme eles se esfregavam nos corpos delicados das meninas-flor. A cada movimento furioso, a cada estocava violenta, a cada vez que as mãos embrutecidas agarravam com violência as ancas e os quadris daquelas frágeis meninas completamente prostradas, de quatro no chão, esperando pela violência que nunca acabava, uma fina película de pó verde ia se fixando na pele grossa dos homens, pele áspera e grossa, mas não grossa o suficiente para impedir que aquele estranho pó fosse aspirado pelos pulmões dos homens das cavernas que, exauridos pelo cansaço físico, pesadamente respiravam, fungavam, resfolegavam e esbaforiam.

O pó era feito de incontáveis e minúsculas sementes invisíveis.

Dentro dos homens das cavernas, imediatamente começavam a germinar.

Uma dor incomensurável então consumia de forma rascante, de dentro para fora, aqueles pobres homens.

As sementes se alimentavam lentamente da carne dos órgãos internos dos moribundos, que fugiam desorientados de dor, mas a fuga era impossível. Fugir para onde, se o mal germina em nós mesmos? As sementes desenvolviam sua fina trama de minúsculos ramos por entre músculos, pulmões, intestinos, e tudo isso brilhava de forma intensa, de maneira que os corpos como que se tornavam translúcidos e se podia ver toda a extensão dos horrendos estragos que as sementes estavam fazendo nos corpos dos infelizes, que eram consumidos como se parasitas os devorassem por dentro. A dor e a agonia eram estampadas nos olhos esbugalhados, de quem a morte era inevitável, mas era lenta, lentamente, e por vezes parecia fugir, até que os homens cansavam de suas fugas e encostavam-se a uma árvore para não mais se levantar. As plantas então brotavam dos seus peitos que estertoravam lentamente, mas já com alguma resignação, já compreendendo o incompreensível de que aquelas plantas iriam virar árvores frondosas com o passar das eras inomináveis, e dos galhos e ramos dessas árvores brotariam outras flores que encantariam outros homens, num ciclo sinistro de beleza e tragédia, sexo e morte e compreendendo a grandiosidade disso os quase mortos sentiam felizes e até um pouco orgulhosos de fazerem parte de um esquema maior do que eles próprios, acima de sua compreensão, e acima de sua compreensão finalmente paira a morte, vem pairando como a copa rendilhada das árvores que escurece o sol e vem apagando todas as cores e sabores, escurecendo tudo, tirando a luz e trazendo de volta a falta de cor e de perspectiva na vida dele. E a falta de orgulho e a falta de se sentir num esquema maior das coisas, ainda que, de fato , do fundo do seu peito brotassem história espetaculares como esta – ainda que essas histórias, que se ramificavam como árvores frondosas, cheias de galhos, folhas, frutos e flores, o sufocassem e o colocassem numa depressão mortal, e ainda que realmente estivesse em esquemas maiores das coisas, e as coisas se lhe davam como uma chuva

interminável, que revolve o solo e alimenta plantas e flores, mas que deixa o horizonte com uma perspectiva acinzentada e com o chão coberto com o gosto acre e morto de folhas mortas, folhas incertas,folhas caídas, caídas de uma floresta escura, fria, chuvosa, onde nem o sol e nem as pessoas costumam passear; mas talvez ele já estivesse se acostumando a passear por entre tais meandros.

....

Contorno.
Feito.
Gota.
A.
Gota.
Contorno.
In.
Definir.
Crível.
Contorno.
Em.
Torno.
Pingo.
Pingos.
A.
Contornar.
A.
Linha.
Entorno.
Linha.

Feita.

De chuva.

Esbranquiçada.

Esmiuçada.

Contorno.

À força.

A frio.

Contorno num.

Homem frio.

Contorno cinza.

Num homem sem cor.

Sem contorno.

Sem conforto.

Só.

Em silêncio.

Ouve o som das gotas indefiníveis.

Lhe.

Definindo.

Lhe.

Oprimindo.

Trazendo à tona.

Quem estava.

À toa.

Ateu.

Não de Deus.

Mas descrente de si.

Desprende do céu.

A névoa indefinível.

Pesada.

De cortina de chuva quase sólida.

Quase cinza.

Num homem.

Quase líquido.

Quase escorregadio.

Mas que.

Não tem.

Onde correr.

Nem onde.

Se esconder.

Ou escorrer.

Ou se esquecer.

Molhado, molhado.

Olhando.

Sem ser olhado.

Por ninguém.

E a chuva.

Torna tudo.

Toma tudo.

Por escuridão.

Frio.

Sem ninguém.

Na rua.

ou.

Em sua vida.

E essa é a sua chuva.

E essa é a sua vida.

Que escorre.

Definindo-lhe.

E lhe escorrendo.

Por seu corpo, por entre seus dedos.

Essa é a sua definição.

"*Tudo em mim é definição. Por isso sou Solidão* . E *sou o Limiar".*

Mas lhe escorre.

A lembrança.

A definição.

E o silêncio.

Silêncio é ausência de cor dos sons.

Em gotas cinzentas.

Silenciosas.

Em falta de cor.

De coragem.

Mas ainda assim.

É até bom sentir essa silenciosa, cinzenta, solidão.

A solidão é original, e não pecado.

Pecado é negro, e solidão é cinza.

Ele pensa estar longe de Deus.

Ao perder a fé em si.

Pensara que só faz coisas más.

Merece.

As.

Gotas.

De.

Fogo.

Do.

Inferno.

Que lhe queimam geladas, lhe queimam geladas, entretanto trincam o cinza e lhe mostram aquela boa sensação das cores, pois as chamas afastam a escuridão e permitem ver, ainda que para isso sejam necessárias as chamas do inferno, e o inferno é a palavra, o Diabo é a palavra, e o escritor e o bruxo lidam com palavras; magia negra, palavras mágicas, magia cristã medieval, magia negra de quaresma, dessas onde *se mata um gato preto em noite de lua nova e coloca-se vagens em seus olhos.*

Ele é um bruxo maligno. Está fazendo um ritual de sangue para destruir um dos seus inimigos.

A bem da verdade, se é que a verdade é um bem, e possa haver bem em alguém tão mal, aquele infeliz que será destruído por sua magia negra, nem é assim seu inimigo. Era apenas alguém com o qual tivera um ligeiro bate-boca. E agora essa pessoa seria amaldiçoada com magia de morte e magia de azar, para o caso da primeira não dar muito certo. Mas sempre dava. Sempre morriam de maneira horrível, dolorosa, sofrida, sem volta, com dores e pruridos pusilâmines, além da cabeça ser corroída por visões de vultos demoníacos, um pior do que o outro, até sua lenta agonia final. E mesmo depois de morto sua alma não iria descansar em paz, pois ele já providenciara feitiços para que a alma errasse pelo mundo cinzento, sem descanso, sendo atormentada por sombras e demônios que a perseguiriam até o final dos tempos. A bem da verdade, e se é que a verdade é um bem, ele fazia muito bem o mal.

Nesse mundo de Nosso Senhor ninguém lhe era páreo; sabia como ninguém fazer bruxarias e sortilégios com o único intuito de prejudicar o próximo. E ele odiava o próximo como a si mesmo. Era um bruxo negro.

Pela via campesina e pelos caminhos santos ele caminhava espalhando uma trilha de mortos, loucos, feridos, azarados, órfãos, infelizes, amaldiçoados. Onde ele pisava a terra secava, os abutres enlouqueciam, as moscas vinham aos enxames, os demônios com patas de bode berravam suas trombetas de desastre e catástrofe.

Uma vez ele só fez apontar seu cajado mágico para uma vila e um terremoto a destruiu completamente. Os sobreviventes foram fulminados por raios, e até os animais que se alimentaram dos cadáveres morreram enegrecidos como que consumidos por um fogo. E o ar se enchia com o aroma de folha seca queimada por onde ele passasse. E o mal era triunfante, e tudo tinha o clima de feitiço de morte, o cheiro de cabanas escuras cheias de couros de animais e poções para a prática da maldade.

Os outros feiticeiros o temiam; certa vez uma verdadeira confederação de covens se reuniu para atacá-lo através da magia e das forças astrais; eram

seiscentos e sessenta e seis bruxos e bruxas da pior espécie. Bastou um mínimo gesto de suas mãos, um mínimo pensamento de ódio e todos eles foram queimados vivos pelo fogo que demônios pretos de asas de dragão e cara de caveira de cavalo e corpo de cachorro faminto e mãos de macaco despejaram sobre esses pobres feiticeiros. Suas almas foram especialmente deixadas para Satã se deliciar em sessões de tortura até o dia do juízo final.

Todos estavam de acordo: ele era o pior de todos os homens. E nada havia que pudesse ser feito quanto a isso.

Fato consumado, como o fogo que queimou a carcaça oferecida ao mal, numa encruzilhada esfumaçada. Ele era um poço sem fundo de ódio, raiva e destruição.

Todas as pessoas que lhe eram próximas foram as primeiras vítimas de sua mórbida magia: pai, mãe, irmãos, tios, primos, vizinhos. Todos sucumbiram aos seus feitiços maus, e, sob suas más palavras de encantamento negro, tiveram desastre, doença, azar, e morte lenta e sofrida. Fumaça e carniça de corpos oferecidos ao Diabo; eis o cheiro daquela alma enegrecida pelas taturanas pretas saídas nervosamente do seu coração corrompido como um fruto podre.

Aliás, sua vida era cada vez mais escura, como se a fumaça das oferendas macabras tivessem tomado conta de tudo o que via. Com efeito, tudo o que ele via era esfumaçado e desprovido de cores. Cheiro de fumaças, tons de fumaças, era só isso o que se descortinava diante de si. Fumaças escuras, oblíquas, nodosas, vindas dos escombros de sua vida destruída onde era doloroso caminhar, e, no entanto, caminhava, como um flagelo vestido de um manto que trepidava ao sabor de suas maldades.

Ninguém consegue se feliz odiando, e ele era profundamente infeliz. Nada do que fazia às pessoas lhe dava algum alento. Tudo lhe parecia cinza, desprovido de cor, de sabor.

Então certo dia ele fartou-se de praticar da magia negra que lhe escurecia a vida e decidiu fazer magia de vida, algo que talvez lhe trouxesse um pouco de colorido à sua vida acinzentada. Decidiu praticar o bem, a bem dizer.

A bem dizer, não deu certo. Todas as pessoas que tentou ajudar, dali por diante, continuavam sendo amaldiçoadas com peste, morte e azar. Perdiam tudo o que possuíam, morriam de fome , de doença então, ou uma miríade de outros flagelos e castigos que o homem pode sofrer nessa jornada nesse vale de lágrimas. Mesmo quando tentou fazer certos rituais benéficos, desses que os sacerdotes da Luz fazem para trazer bênçãos às pessoas, não adiantava: todas elas morriam, ou se feriam horrivelmente com chagas horríveis. O bom Deus das pessoas justas tinha virado suas costas para ele, e para sempre fechado uma cortina de névoas no caminho daquele pecador arrependido que, não obstante, e diante de tantos pecados, não tinha sido perdoado.

Triste, o feiticeiro consultou um antigo oráculo, a saber: uma entidade com cabeça de bode preto sem olhos, envolta num manto escuro feito de pele de demônio de encruzilhada; o manto às vezes se abria discretamente, permitindo se ver um corpo que sempre mudava. Às vezes era o de uma mulher branca com grandes seios frios, e às vezes era o esqueleto de uma carcaça de cavalo. Sua cabana de peles ficou logo tomada com um cheiro de fumaça e carniça assim que essa entidade apareceu, na frente de uma oferenda de sangue de recém nascido a ela oferecida — ele sinceramente não queria ter degolado aquela criança com uma faca afiada, mas não via outro jeito de saber o que precisava saber.

— o reino da luz nada quer de você, feiticeiro das trevas — o espectro logo respondeu, e parecia que a voz, quase um sussurro, saía de suas órbitas sem olhos, há muito comidas por vermes que escorrem pelos feitiços mais sórdidos que untam as juntas do mal — não adianta mais bajular os anjos bons e seus iguais.

— Por quê? Por quê?

— O deus da bondade e da luz está muito ofendido com suas obras maléficas, ó feiticeiro das trevas. Você o ofendeu a tal ponto que nem mesmo o principal príncipe da mentira, o arauto do mal, pode se comparar ao seu coração corrupto. Saiba, ó feiticeiro das trevas, que o deus do Bem tem o poder de aceitar ou recusar ovelhas perdidas e arrependidas ao seu seio. Os caminhos estão fechados para os demônios voltarem ao paraíso, mesmo que se arrependam dos

seus pecados. Igualmente, os caminhos que poderiam levá-lo ao céu também estão fechados, ó feiticeiro de coração tortuoso. Você assim conseguiu uma honra que nenhum homem conseguiu. O de ser abandonado definitivamente por Deus.

O pobre feiticeiro abandonado estava muito amargo.

— Não é possível — murmurou .

— Não adianta nem tentar praticar o bem — disse o oráculo macabro — você não será redimido.

— é por isso então que minhas boas obras não resultam em bons frutos? É essa a causa, pois, de todos os quais eu tentei praticar a caridade foram atingidos por terríveis castigos, iguais ou piores dos que eu praticava quando era mal?

— O Deus do Bem tem a primazia de aceitar ou não as boas ações. Assim como ele não aceitou a oferenda de Caim, assim também ele se recusa a aceitar a caridade feita por você, e é por isso que sua caridade não gera bons frutos. Eis que todo o bem que fizer não dará em nada, feiticeiro das trevas. A sua nobre causa não trará efeito nenhum. Pois se a sua caridade é uma planta que quer vicejar, suas raízes não encontrarão nunca a água divina que emana do bom deus para as criaturas que estão sob sua benção. Sua caridade só encontrará solo esturricado e sem vida, e fenecerá como o joio dispensado pelo bom ceifador, que só se interessa pelo trigo.

— E o que eu posso fazer?

— Você é muito bom para fazer o mal. Continue fazendo o que lhe está destinado.

— Não! — gritou o feiticeiro das trevas; e saiu em desabalada carreira pelo mundo.

Chegou a um alto cume. Uma montanha de rocha preta como o seu coração, como seu destino, como o solo estéril em que sua planta queria vicejar em vão, e ele resolve então procurar um local mais propício para ela.

Ele se joga.

Cai no abismo.

Cai e cai.

Um anjo condenado.

Mais um que chega.

Chega ao inferno.

Através do último supremo mal que alguém pode infringir em si próprio.

E foi lá, no inferno, no lugar mais longe de Deus que possa existir, que o feiticeiro pôde finalmente praticar a caridade. Lá ele ajudava as almas perdidas, dava-lhes alento, consolo e era um ombro amigo a todos os que não podiam mais contar com a misericórdia divina. Mesmo queimando por um fogo eterno, mesmo sendo atormentado pelos demônios e mesmo sabendo que dali não havia fuga, o feiticeiro, em chamas e em chagas como estava, amava ao próximo como a si mesmo, e assim pôde finalmente existir em paz, e enxergar cores em sua existência, mesmo que as cores vindas das chamas do inferno, que, apesar de tudo, extinguiam a treva e trincam o cinza e lhe mostram aquela boa sensação das cores, pois as chamas afastam a escuridão e lhe permitiram ver pela primeira vez,e para isso foram necessárias as chamas do inferno, e o inferno é a palavra, e ele sempre tinha uma palavra de alento para as almas perdidas, almas aflitas, mas as palavras nos jogam num inferno, onde as chamas vão se apagando, vão se apagando, e levando consigo as cores, e com isso tudo vai ficando embotado, cinzento e triste e finalmente o escritor compreende que novamente voltou à sua vida sem graça, a sua realidade cinza, mais uma vez saiu da fantasia que lhe dava alento, já que ele próprio era uma alma no inferno sendo aquecida pelas chamas da criação apaixonada que vai embora sem cerimônia como um sonho que termina.

Sonho por sonho.

....

Mas não tinha sido em vão, pois, tudo isto. O feiticeiro macabro, afinal, havia conseguido deixar algo para se pensar.

Havia uma evidente analogia entre o feiticeiro das trevas e ele, escritor.

Ambos lidavam com palavras.

Ambos viviam envoltos em trevas.

O feiticeiro só conseguiu se livrar das trevas indo para o inferno, lugar onde as chamas poderiam trazer alguma cor, mesmo que, como diria hilário Heráclito, a preço d'alma.

Para ele, escritor, o inferno e o céu estavam em portas análogas, à maneira descrita por Willian Blake. Tanto suas inspirações quanto seus sonhos maus eram coloridos, de uma cor soprada de realidade. Somente sua vida normal era acinzentada, como se a fama, o sucesso e o casamento não tivessem completado sua existência. Por quê? Por que, meu Deus?

— Querido — diz sua mulher.

Lá está ela, sua mulher, ao seu lado, sempre companheira, e tão bonita. Essa é verdadeiramente a mulher dos seus sonhos.

— Talvez você esteja vivenciando algum tipo de fantasia.

— Isto é obvio — diz ele com certa irritação — mas que fantasia doente é esta?

— Ora — continua ela, tão pálida e tão sem cor como o resto — talvez em sua imaginação você esteja preso a um mundo como o dos filmes do tempo do cinema mudo. Você sempre gostou desses filmes, e de tudo relacionado àquela época, do início do século vinte. Veja, sempre me fala de certo amigo seu, vestido de terno e gravata como as pessoas daquela época, que o encontra numa torre cheia de livros, mas...

— ... "mas"...?

— Eu nunca vi essa pessoa. Nem essa torre cheia de livros. Talvez, amor, sua imaginação esteja forte demais nesses últimos dias.

— Minha imaginação! Deus, minha imaginação! Mulher, a minha imaginação é tudo o que tenho nesta vida miserável. E se cheguei onde estou, foi graças à minha imaginação. Sem ela, mulher, sua roupa, suas jóias e tudo o que você tanto preza jamais existiria, e certamente você também não.

— Acho que nada existe entre nós, meu amor. Mesmo assim, eu te amo, pois sei que você tem razão.

— Ora, desculpe — ele diz puxando ela com a mão e beijando seu rosto — eu sou um bruto. Eu tive uma vida muito difícil... Acabei embrutecendo-me...

— Sim, eu sei, meu amor. Eu sei o que você passou na vida, da fome, das privações e de tudo o mais até que veio a fama como que trazida por um anjo. Você, mais do que ninguém, merecia ter sucesso na vida. Mas creio que, com a fama, também veio a... bem... você sabe, as consequências. Então, a pergunta que você está fazendo é...

— ...terá valido a pena? Eu não sei. Mas não creio que eu fosse feliz antes da fama e de todo o resto. Eu também era infeliz e continuei infeliz depois dos presentes que a vida me deu. Talvez isso se deva à minha inabilidade de lidar com coisas que outras pessoas lidariam de uma maneira bem diferente.

Olhei para ela. Como era bonita.

— Mas sabe de uma coisa? Eu tenho a você, eu tenho minha carreira; eu tenho tudo o que sempre sonhei. Não posso reclamar. Afinal, se enxergo as coisas sem muita graça, sem muita cor, isso se deve antes de tudo a um defeito meu, e nada mais. Nada tenho de reclamar.

— Suas histórias são belíssimas, meu amor. Diria que são inspirações divinas. Isso é um dom, e dom é algo que não se deve desprezar. Mas eu acho que você não está dando a devida atenção a elas. Acho que você despreza demais sua criação, e isso é mau. As histórias são suas, e ao mesmo tempo não são. Elas são um presente, e não servem apenas para fama e dinheiro. As histórias são como pessoas, e você precisa conversar com elas. Veja o que elas têm a dizer para você. Escute. Sinta.

Sinto que ela tem uma certa razão.

— Essa sua última história, desse cara que vai ao inferno...

— É uma coisa meio irritante, querida, saber que essas histórias têm muito de mim, mais do que eu gostaria e falo isso com sinceridade. Pois parece masturbação isso de falar de si o tempo inteiro, e sinto que minhas histórias me masturbam o tempo inteiro. De fato, pouco noto nas pessoas. Passo o meu maior tempo observando a mim mesmo, e isso é terrível, pois é diálogo o que o mundo precisa, e não monólogos imbecis, e a minha vida, e a vida de todos parecem

monólogos de pessoas que só querem falar e não querem escutar nada. Nada justifica a isso, nenhuma ironia, nenhuma amargura, nenhum terror, nenhum cinismo filho da puta, justifica o monólogo burro de nossa época. Somos tão carentes, e ao mesmo tempo tão pouco dispostos a suprir a carência dos outros infelizes que nos rodeiam! Esse último texto até que revelou alguns caminhos, e isso sem o querer. O filho da puta personagem principal somente consegue ser feliz ao encarar o inferno. E veja que o inferno o consome e lhe faz um mal inominável; de resto é para isso que serve qualquer inferno que se preze. Mas ele aceito esse desafio de tentar ser feliz no inferno. Somente lá ele encontrou cores para sua vida cheia de trevas.

— Meu querido, e qual é o seu inferno?

Silêncio.

— Aquele sonho mau, sonho recorrente, sonho colorido... somente nele existo com cores. São cores terríveis de fracasso intelectual, fracasso profissional e de anonimato. Mas somente nesses sonhos é que vivo, por assim dizer. O mais intrigante é que somente nesses sonhos maus e quando minha imaginação voa por novas histórias é que tudo se enche de cor, como uma aquarela de um pintor louco.

— O que quer dizer com essa história de cores?

Ele sente a respiração se cortar ao dar a verdade:

— Somente quando crio é que me sinto vivo. Entende? E somente quando tenho aqueles sonhos maus também. Como pode ser isto? Eu não sei.

Paira.

— Esse, definitivamente, querida, é o meu inferno. Isso eu já sei. Mas não sei como lidar com isso.

Ela era realmente muito bonita.

— Sabe, querida, foi realmente muita sorte que a garota mais popular da faculdade tenha se casado comigo. Eu confesso com muita vergonha que lhe achava muito fútil e burra. Incrível como depois de nós nos casarmos você mudou tanto e virou essa pessoa maravilhosa que se preocupa tanto comigo.

— Bondade sua. Sonhos acabam se realizando.

Silêncio paira.

Algo. Ele sente. Um frio. Um sopro. Gélido. Não como a morte, mas como algo similar. Algo de solidão, que sopra, que paira.

— Aquele cara telefonou, querido.

— Que cara?

— Aquele do estúdio que quer transformar a história do Menino-Dragão em filme.

— Eu não sei... eu não sei...

— Ele para quatrocentos milhões somente pelos direitos... dizem que é a maior quantia já paga a um escritor...

— Sim, eu sei, mas ao mesmo tempo...

— O que foi?

— Na época das fotografias eu queria apenas ter o prazer de ir numa livraria e ver um livrinho meu num canto mal iluminado... e agora praticamente toda a mídia cultural só fala nos meus livros! Virei o maior "block buster" livreiro da história do mundo! Eu não sei, não gosto disso... de fato, e de certa forma, era o que eu queria. E agora que consegui, não sei o que fazer.

— Eu gostei da história das mulheres-plantas. Gostaria de ver essa história transformada em filme. Talvez dê também uma boa história infantil, se trabalhada para isto.

— Bem, querida, essa história virará animação em computador... já recebi propostas. É claro que alterarão a história para ela ficar com um final mais fofinho, mas mesmo assim não me importo. Já decidi que toda a grana que arrecadar com essa história eu vou doar até o último centavo para associações de caridade. E que se foda.

— querido, você tem um coração de ouro!

— Não, minha flor, é uma certa repugnância a tudo isto. Acho que não nasci para essas coisas. E quer saber? Tenho saudades dos tempos em que eu passava necessidade. Pelo menos eu sentia o chão sob meus pés. E não esse delírio todo sem gosto e sem cor.

Ele suspira. Sonho por sonho... ele lembra de algo sobre isto, e se cansa.

— Sinto que essas coisas estão escapando ao meu controle... sinto que estou estuprando minhas idéias, minhas histórias, como um pai psicopata que pratica pedofilia. Eu não queria nada disso! Por muito tempo eu quis dinheiro para sobreviver, e agora acho que estou me afogando com ele.

— Pode ser apenas sua imaginação, querido.

Pode ser a imaginação... pode ser a imaginação... poder para a imaginação.... para a imaginação que pode, que quer possuir, que possui e ele possui imaginação como *se possuísse a algo inocente... a inocência das cores infantis que vão lhe cercando, e cercando, um cercado cheio de crianças a girar num carrossel cromático sob suas vistas desejosas, e suas vistas também giram, e num átimo, algo de cristal, um arco íris cinzento em meio a tanta cor, um arco íris apagado, sem cor, mas cortante como uma lâmina prateada onde efemeramente ele se viu refletido:*

Ele era gordo, bem gordo. Tinha já uma meia idade, avançando para a velhice, mas a sua cara, de uma maneira geral tinha algo infantil e inocente, algo que suas bochechas brancas, ligeiramente rosadas e seus olhos claros acentuavam. Era totalmente calvo, e procurava esconder com um chapéu coco marrom escuro, enquanto que o corpo em forma de barril era protegido por um pesado e grosso capote marrom de tonalidade um pouco mais clara que o chapéu, mas feito de um tecido grosseiro.

Ele dá a impressão de uma criança gordinha que cresceu rapidamente, e não um adulto na acepção da palavra. Mais ainda, parece uma criança gordinha que manteve a gulodice.

Pois é com olhares gulosos que ele olha para o grupo de criancinhas brincando no carrossel.

Mas disfarça bem. Sabe que os pais delas estão por perto. Atentos.

É preciso escolher com critério.

Lá está um molequinho negro, mal vestido, a se divertir com os outros. Deve ter uns seis anos, ele reflete com ansiedade. Mas não vê ninguém responsável por ele.

Hora do lanche, ele pensa com gulodice, ao ver as crianças sendo chamadas pelas mamães, e cada uma abre sua lancheira vermelha ou azul.O mulatinho tenta se divertir sozinho, e depois se senta num muro branco, e de longe vê seus amiguinhos lanchando.

Hora do lanche. É agora!

— Oi, meu amiguinho, você ta triste?

O menino sacode a cabeça. Sim.

— você não tem dinheiro pra tomar lanche?

E ele sacode a cabeça. Não.

O homem lhe dá uma barra de chocolate. O menino, com os olhos brilhando de alegria por tal gesto de bondade, começa a comer avidamente.

— Cadê o seu papai e a sua mamãe?

— Eu não tenho pai, e a minha mãe tá trabalhando.

— Ela te deixa sozinho?

— Num tem perigo não, tio, eu moro logo ali.

— Ah, mas é perigoso que você fique andando assim por aí! Deixa que eu te levo para sua casa!...

— Num precisa, moço, eu sei voltar!

— Não, não, não... você é um rapazinho muito bacaninha e eu faço questão de te proteger. E além do mais, eu te dou mais chocolate, se você quiser!

— Moço, o senhor é muito bonzinho!

Puseram-se a caminhar.

O homem pegou na mão dele.

— Sabe, eu tenho que te contar um segredo.

— E qual é, moço?

— Esse chocolate que eu te dei, eu tirei da casa de doces da bruxa.

— Sério??

— Quer ir ver?

— Onde fica? Heim, moço?

— Fica naquela floresta encantada. Aquela ali da esquerda.

— Moço, mas aquilo ali não é floresta não, é um matagal. Só tem lixo lá dentro.

— Ah, mas é porque você não olhou direito. A floresta fica encantada conforme a gente caminha mais dentro dela.

— Eu num sei não moço. Eu tenho medo de bicho.

— Não tem bicho não, meu amiguinho. Só tem eu.

Só tem eu, só tem eu, só eu, eu sou só, e estou caminhando pela floresta da casa da bruxa, mas não tenho medo, não mesmo, pois estou levando meu lanchinho, meu lanchinho, que vou comer, vou comer, pra ficar fortinho, pra ficar fortinho, e crescer, e crescer... é um tabletinho de chocolate, minha guloseima predileta, que anda comigo e fala; é o meu amiguinho. Até que ele é legal; estou levando ele pra junto da casinha da bruxinha, acho que ele que voltar a ser um tijolinho da parede de doces; ele quer ficar junto dos seus amiguinhos. Ele é um sujeitinho muito legal, esse chocolatinho, e realmente estou tentado a ajudá-lo, mas eis que começo a ficar com fome. Acho que a bruxa magrela tem doces demais; acho que um tijolinho a menos de chocolate no muro dela não fará diferença nenhuma, e além do mais, ela é magrela, enquanto que eu sou gordo, ou melhor, sou uma ameba, uma terrível e monstruosa ameba gigante, um sinistro fagócito que achou seu alimento. Falo para o chocolate tirar a embalagem dele, coisa que ele se recusa, ele simplesmente não quer colaborar. Eu não sei mais nada, eu não sinto mais nada, afinal sou a sinistra ameba devoradora. Na verdade eu sinto algo: um estupor, uma corrente magnética que percorre meu corpo e ao mesmo tempo me anestesia. Eu praticamente não tenho mais olhos. Eu sou a própria floresta, sem olhos, eu já não estou dentro de mim. Sou uma alma penada que vê a mim mesmo pelado, e com algo inerte, igualmente pelado,colado ao lado do meu corpo. O algo ainda se mexe um pouco, como alguém que não quer dormir e é vencido pelo cansaço e os meus olhos estão bem abertos, olhando para o vazio nada. Mata fechada, ninguém sabe o que aconteceu. Ali paira uma energia ruim, algo negro, que envolve o lugar e apaga todos os olhos e todos os odores, e logo as folhas encobrem e se dissolvem em véus escuros, sinistro, um estranho anoitecer sem céu, tirando as cores de tudo, inclusive do escritor, que

talvez tenha voltado à sua cegueira monocromática, um tanto aliviado depois dessa má viagem. Dessa vez, sua imaginação trouxe bicas de suor ao seu rosto. E talvez tenha sido a primeira vez que ele tenha voltado ao seu mundo cinzento com alegria.

....

Para quê Godê, se não há tintas a misturar? A não ser uma escala infinita de tons cinza.

— É muito perigoso esse seu jogo criativo, meu caro; cuidado para não ser tragado para um precipício.

Precipita-se na torre de livros, um pouco livre.

O escritor famoso se sente. Senta-se. E nem Deus o livre.

Seu amigo faz essa observação. Mas que pode ele observar na vida perigosa do escritor, onde só se enxerga o nada?

— Por que você me diz isso?

— Essa sua história nova do serial killer aponta caminhos muito perigosos. Cuidado. Textos assim costumam ser uma arma, um revólver, apontado diretamente para a cabeça do escritor. Nada de bom pode vir de tais flores obscuras, pois ainda que sejam flores e lhe tragam prazer intelectual ou algo que o valha, ela ainda assim são obscuras e ainda assim vão cobrar o seu preço.

O preço de um anjo...

— Eu não escolho meus textos; eles me escolhem. Unicamente limito-me a escrevê-los.

— Isso que você diz é uma bela desculpa para se redimir de qualquer culpa sobre as responsabilidades. Veja; um texto não é um filho. Isso é lorota lírica. Um texto é o que você tem a dizer. E sempre é assim.

— Mas o que eu posso fazer?

— Acho que você deve refletir mais sobre o que escreve. Não, veja, não digo para refletir antes de escrever, isso é bobagem. Continue escrevendo. O que eu sugiro é você releia os seus textos e descubra o que eles querem dizer a você, e isso é mais importante do que eles possam dizer aos outros milhões de leitores, que sempre se interessam pela face visível da lua. A outra face, a face escura, essa é habitada apenas por solitários que conseguem ler nas entrelinhas.

— Confesso que essa parte eu não me aventuro muito. Mas que entrelinhas você consegue ver nesse meu texto do serial killer?

— Eu vejo que não é um texto sobre um homem que estupra um menino negro.

— E sobre o que seria?

— É sobre o modo como você estupra sua imaginação. Ela é pura, colorida, como a vida deve ser. E você é um mesquinho guloso. Não é à toa que o personagem principal é um gordo com jeito de glutão. Ele também é infantilizado. Você não sabe como lidar com a vida adulta. Tem tanto medo das responsabilidades que eu seria capaz de apostar que se caga todo ao pensar que é um homem adulto. É por isso que a roupa do gordo é marrom. Ele é infeliz. Como você é. O único momento que ele sente algum prazer é quando olha para as crianças. As crianças do conto é aquilo que existe de puro dentro de sua cabeça. Digo mais, ele não matou a criancinha negra, muito embora você tenha criado, graças à sua inegável destreza artística e habilidade em lidar com palavras, um clima sugestivo de que isso tenha acontecido. Também isso é bem mais instigante do que a óbvia analogia entre a cor do menino e um tablete de chocolate.

— Realmente, na minha cabeça o gordo não matou ou violentou o menino negro. Ele simplesmente estava absorvendo o menino como se fosse a “bolha Assassina”, e o menino faria parte dele para sempre. Dou dicas disso quando eu o chamo de “ameba”. Mas eu quis deixar isso no ar. Não consegui, pelo jeito.

— Sim, faria parte dele à revelia do desejo do menino. Você, escritor, quer que as coisas venham a você do jeito que você quer. E nem sempre as coisas são assim. Aliás, nunca são assim. Mesmo quem vende a alma ao diabo não

consegue ter as coisas exatamente do jeito que queria. Você já leu “Fausto” para saber do que eu estou falando.

Sim. Não adianta nada, mesmo quando o diabo que me carregue parece ser toda solidão. Porque só parece.

— Além disso, escritor, fica também a desconfiança sobre a cabeça de alguém que usa a imaginação para criar semelhante obra macabra. Você usou a imaginação para estuprar a própria capacidade de imaginar, e foi isso o que foi violentado em seu texto. Poderia dizer que sua imaginação está perturbada. Alguém assim só pode enxergar a vida de uma perspectiva cinzenta.

— Isso é um julgamento moral?

— Pode ser, não ligo a mínima se for, mas acho que é uma constatação. Pois imaginar algo é se por na perspectiva da primeira pessoa. Ninguém imagina de uma maneira passiva, pois sempre há um envolvimento quando se imagina. Se você imaginou tal texto, é por que se pôs na pele daquele gordo escroto, que no fundo tem muito de você. E, veja bem, mesmo que eu tenha feito esse adendo de que o gordo não estuprou realmente aquele garotinho, há no ar realmente um clima de violação do que é infantil; isso é inegável. Eu diria que você realmente tem potencial para cometer um crime real. Ou para fazer algo abominável. Talvez vender a sua alma ao Diabo, já que toquei no assunto.

— Não, não foi o caso. Não negociei a alma.

— O que disse?

— Nada... não disse absolutamente nada... aliás, é somente isso o que eu digo, o que sou... e a incompreensão, talvez, de tudo isso. Antes eu tirava fotografias incompreensivelmente sem cor, e agora minha vida toda se transformou numa foto preto e branca perdida nalguma gaveta morta.

— Meu caro, você tem uma imaginação ativamente mórbida. Como, por exemplo, aquela história que você casou.

— O que você disse?

— Não vamos começar de novo.

— Não, eu insisto.

Suspiro.

— Meu caro, você sabe que aquela menina do colégio que você insiste que casou...

— O que tem?

— Quantas vezes tenho que lhe lembrar que você não casou com ninguém!...

— Quê?!

— E assim se resume sua vida, amigo. Sempre uma expressão de estupefação diante das coisas mais óbvias. O que é comum a todos é estranhamente incompreensível para você.

— Escute aqui, espertinho... eu casei com a menina que sempre amei... ela era a mais bonita da escola, era um verdadeiro anjo!

— Ela está morta há muito tempo, amigo. Desde que você acabou o primeiro grau.

Silêncio.

Ele nem teve forças de dizer que sua esposa é que achava que ele, o seu amigo da torre de livros, é que não existia.

....

E tudo seguia cada vez mais incompreensível, cinzento, desfigurado, enormes manchas pretas e finos e esguios reflexos brancos, fantasmagóricos, frios, um mundo composto por borrões sem maiores significados. E no entanto havia até uma certa beleza estética nisso tudo, uma beleza fria, como um quase amanhecer transparente, difuso, de névoa que paira, fria, numa região de fantasmas brancos que andam por construções pretas, por rabiscos caprichosos de troncos enegrecidos de árvores finas e sem folhas, árvores mortas talvez, mas que ainda assim havia um leve sopro, um hálito gelado quem sabe, mais ainda assim um hálito, um alento, uma promessa tênue e mais do que tênue, de algo bonito, uma beleza diáfana de algo que se esvaía irremediavelmente, tal uma névoa fria que é impossível de reter nos dedos, mas que se pode sentir algo, uma friagem, brincando de fugir por entre esses dedos, para finalmente pairar, de

forma silenciosa, por cima de nossas cabeças, como o amor, como o que acontece quando se ama alguém em silêncio, e *ela sabia bem o que era isso. Ela o amava em silêncio, um silêncio doloroso, profundo, medroso, de quem nada sabe das coisas do coração e do se estar amarrada aos mistérios que emanam do se enamorar e que a punham ruborizada, tomada por uma inexplicável vergonha e um medo quente toda vez que o via sentado a comer, distraído, enquanto lia alguma coisa; ele parecia tão distante, como numa ilha própria de tranqüilidade, que ela não sabia se era direito quebrar essa sua paz dizendo que estava apaixonada por ele.Se bem que esse não era o verdadeiro motivo, bem sabia ela disso, bem sabia ela do seu medo, como se fosse cometer um ato criminoso, isso de se aproximar de alguém sem nenhum motivo era algo que supunha que nunca faria na vida, pois nunca havia feito. Ao mesmo tempo o calor e o bem estar daquele seu segredo íntimo, aquele segredo que trazia escondido a sete chaves teimava lentamente em derreter chaves e fechaduras do seu coração como se fossem de chocolate, um chocolate bom que ia inundando o seu ser de algo bom e também a sua panela, conforme ia mexendo com uma colher de pau e adicionando os temperos bons que só ela sabia misturar com uma intuição que provinha de sua mais requintada sensibilidade. Ela era a cozinheira daquela espelunca, mas cozinhava como se essa fosse a única arte que valesse a pena num mundo tão azedo e desprovido de cor e de sabor.*

E por falar em arte, parecia que ele gostava dessas coisas, pois quando o servia, sempre captava fragmentos de suas conversas com outras pessoas:

— ...o problema da arte nos dias de hoje é fundamentalmente o problema da linguagem. O artista não sabe mais como se expressar, quais as palavras ou os instrumentos mais adequados para expressar idéias ou sensações.

Fragmentos.

Dele, ela só tinha isso. Fragmentos de conversa, fragmentos daquilo que ele deixava no prato.

Estilhaços. Era o que o seu coração virava todos os dias, tal e qual um ou outro copo ou xícara que deixava cair, distraída, ao pensar silenciosamente em seu grande amor. E todos os dias ela procurava se recompor, pois mais um dia

estava por vir, de sonho e sofrimento. Diziam as velhas que o futuro estava na borra de café que ficava nas xícaras, de maneira incompreensível para a maioria das pessoas, mas que era perfeitamente legível para quem detivesse a chave da leitura. Tudo era uma questão de se abrir para aquele propósito. Mas que tolice, ela pensava silenciosamente, e que confusão de sentimentos e sensações, de maneira confusa e apaixonada, como da maneira como ela prepara especialmente a comida solicitada por ele. Sempre havia algo nessa maneira de preparar, algo profundo, oculto mas incongruentemente direto, como uma página de amor esperando ser lida, ser sentida e amada.

— ... daí a impressão de que tudo já foi feito em arte, mas essa falsa impressão só se deve, em verdade, à limitação que o artista se impôs e também ao fruidor das obras artísticas; o primeiro porque não sabe escrever em novos alfabetos e o segundo porque não tem coragem de ler novas propostas.Tudo o que existe é uma imensa limitação, meus amigos, uma imensa limitação falsa.

De olhos fechados ela preparava instintivamente, amorosamente, o prato que ele pedia. O medo e o amor, em sabores apimentados e ligeiramente doces. Em pitadas rápidas, como o desejo de beijos roubados.

— Às vezes a coisa toda está bem diante dos olhos do artista, bem abaixo do seu nariz, e ele não percebe, se é que vocês compreendem a existência de semelhantes tolos...

E os seus amigos intelectuais riam à maneira dos intelectuais, todos em volta de sua mesa e de suas frases feita, que os satisfaziam sobremaneira, e enquanto isso, ou talvez por isso o prato feito com tanto carinho por ela esfriava bem diante do seu nariz.

E mesmo com tanto gelo vindo dele, ameaçando apagar o fogo do seu sentimento, a garota tímida não se dava por vencida.

— O artista, antes de tudo, é um lutador que luta sem se cansar.Mas como não percebe que a sua causa está cansada? Precisamos de novas nobres causas nessa época turbulenta. Onde está o gosto de nossa época? Os preclaros amigos podem me responder?

Ela procurava novas maneira de lhe chamar a atenção, de dizer:"Ei! eu te amo!" E investia furiosamente delicada e tímida em novos sabores que pudessem transmitir o que sentia. Mas ela não fazia isso consciente do que estava fazendo, pelo contrário; era algo tão impensado quanto o sangue que circulava por suas veias apaixonadas, um movimento subterrâneo e ancestral sobre o qual ela não tinha o menor domínio.

— ... e eu estou escrevendo um artigo sobre a limitação das palavras...

Perfumes verdes de amor, temperatura apaixonada, um beijo inefável em forma de comida.

Somente para ele ela fazia isso.

E ele continuava engolindo a comida sem perceber.

Nunca percebia.

Ou talvez essas coisas fossem feitas para não ser percebidas.

Ele não percebeu.

Mas alguns fregueses sim.

A comida parecia que tinha perdido o gosto.

Parecia que estavam comendo mantimentos monocromáticos.

Por um tempo a comida parecia chorar.

Depois parecia ausente.

Depois, parecia que era indiferente, fria, ainda que fosse servida quente.

E então, a comida atingiu um patamar de coisa industrial, de prato feito, sem nada demais para comunicar, apenas sendo aquela espécie de ração servida em todos os botecos ao meio dia. A explicação era simples: a cozinheira tinha ido embora.

E o jovem intelectual continuou suas conversas sobre a limitação da percepção dos artistas modernos.

Seus amigos davam sorrisos de concórdia, balançavam de forma grave a cabeça em aprovação ou negação, conforme o caso, davam-lhe tapinhas nas costas, e sentiam uma insistente dor de barriga diante dele.

Pois, sem saberem por que, a imagem dele trazia ao paladar a sensação de algo sem sal ou açúcar, sem gosto, ou melhor, com gosto de fim do mundo, e

esse parecia ser o único gosto que os intelectuais tinham para oferecer, de botar o fim em todas as coisas, ao invés de desenvolvê-las, de amá-las, de cuidar delas. As coisas fugiam dos intelectuais, muito antes que eles pudessem percebê-las, e assim nunca conseguiam descrevê-las a contento, produzindo ao invés disso somente um mar de palavras sem gosto, sem cor, sem sorte, sem amor, sem figura, sem tino nem tato ou destino e nada era forte, tudo ralo como uma sopa de hospital, uma sopa sem gosto e o ensopa de frio e lento vendaval, um sopro de névoa que finalmente o atinge e o traz de volta.

De volta.

Em meio a aragem gélida.

Sobre a aragem, paira o monte de rabiscos negros dos secos galhos, como braços secos famintos de cor, por um instante, por um instante...

Por um instante.

Parecia também pairar sobre aquela névoa que a tudo indefinia, que a tudo esfriava e granulava os seres, em riscos grossos de carvão, que depois eram soprados e sumiam numa nuvem arenosa, cor de friagem, cor de esquecimento da meia luz do quase amanhecer de um dia frio, e o halo cinzento vai dando o lugar a uma luz amarela, um sol, e as cores vão surgindo, e então eu pisco os olhos.

Eu pisco os olhos.

Olho em volta.

Estou escorado num tronco.

É meu parque preferido.

Céu bem azul.

Pisco os olhos.

Está quente.

O tronco em que estou está num imenso morro verde.

Passo a mão nos talos de grama.

Arranco um talo e o ponho na boca.

Sinto o gosto amargo da seiva.

Sinto o gosto amargo.

Cores e calores.

E cheiros e vento e verdes.

Passo as mãos nos talos de meus cabelos, um campo negro que se sacode devido ao vento morno que trazia o som das crianças brincando, bem longe.

Sinto o peso leve da máquina fotográfica preta, máquina profissional porém antiga, pendente por uma correia gasta ao meu pescoço.

Gasto.

Engasgo.

Tento lembrar.

Vejo o horizonte inclinado; é o morro onde estou.

Vejo uma árvore retorcida, seca, enorme, quebrando o mar verde e inclinado que era o lado do morro.

Lembro da criança do lado da árvore.

Talvez uma menina de uns cinco ou seis anos.

Não lembro bem de sua fisionomia.

Lembro apenas da menina correndo, com seu vestido branco grande e esvoaçante como um lençol, e ela não parecia andar, mas parecia mais um lençol se agitando com delicadeza pelo vento, sem peso ou tempo, a pairar indefinido pela campina verde, muito verde, e no alto um céu azul turquesa.

Pena eu não ter lembrado de tirar um fotograma.

Fecho os olhos. Preto e branco.

Com essa maneira de fotografar, em preto e branco, a cena ficaria inacreditavelmente fria e mórbida; a menina viraria um fantasma da solidão passeando num mundo sem Sol,por uma campina de cemitério e ao lado de uma árvore escura e evidentemente morta. E pareceria que essa foto fora batida há uns cem anos. Eu quase não lamento não ter realmente registrado a cena, de tão nítida que ela ficou em minha mente. Quase não preciso mais de câmera para fotografar. Eu poderia fazer isso mesmo sem câmeras ou se ficasse cego. A técnica é apenas detalhe, e a vida é sonho.

É pena que não há mais espaço para mais fotos em minha câmera, disso eu recordo muito bem, de maneira que aquele momento não se registrou, a não ser em minha memória.

Está um dia realmente tranqüilo.

Um céu azul sem tamanho.

Algumas nuvens brancas, mas dessas que só existem quando a gente tem dez ou onze anos. Esse dia é tão bonito que chega a ser nostálgico, pois dias claros e bonitos assim já são passado no momento em que estão acontecendo. É uma nostalgia da cor.

E dou uma boa olhada em mim.

Olhe só para você! Penso.

Para chegar aqui, nesse parque, eu andei a pé por uns três horas pelo simples motivo de que não tenho dinheiro para pegar um ônibus. É certo que gosto de caminhar, que com isso registro mais imagens inusitadas durante o caminho, mas é certo também que não tenho dinheiro para pegar ônibus.

Nunca liguei muito para dinheiro, mas às vezes isso incomoda.

Gostaria que a minha arte cinzenta me trouxesse alguma coisa.

Mas ela nada me trás.

A não ser tristeza.

E talvez a arte que me custa tanto, que tanto me aflige, que me faz caminhar caminhos tortuosos e caros para fazê-la, talvez essa arte simplesmente sirva para me trazer o prazer amargo de sentir uma tristeza refinada, uma tristeza tênue, de quem ama sabendo que nunca será amado, e nem por isso se importa. Como o meu amor por aquela menina do ginásio, a qual nunca mais vi; dizem que ela morreu.

Ou talvez, se eu fosse realmente amado, a coisa perderia totalmente a graça, pois às vezes não é o objeto amado o que é importante — na maioria das vezes esse objeto a quem dedicamos o amor é uma pessoa idiota como tantas outras pessoas idiotas — mas sim o sentimento elevado, refinado, intenso e dramático que é despertado em nós por essa pessoa. Talvez minha arte não tivesse relevância ou importância, mas ela valia pelo tanto de sentimentos e

pensamentos que despertava em mim, que eu não poderia experimentar de outra maneira. É como uma droga ou um sonho alucinante do qual não despertamos ou não desejamos despertar. Eu, ao menos, não quero despertar do meu sonho de arte.

A minha vida já é suficientemente sem graça.

Tenho um emprego horrível e chato.

Passo o tempo carimbando papéis de coisas que não entendo, e levando papéis de um lado para o outro, o dia inteiro.

Moro num lugar que detesto.

Ganho uma miséria.

Sou cheio de dívidas. Às vezes nem tenho dinheiro para comer.

Minha família não me compreende.

Os vizinhos me olham torto. (Quem é que gosta de alguém que age como se a vida real fosse um pesadelo do qual ele tenta desesperadamente acordar?)

As pessoas do meu bairro riem de mim, do meu jeito, do meu modo de vestir, do meu modo de caminhar, da minha maneira de olhar o mundo.

Faz tempo que não vou para a faculdade horrível em que me matriculei.

Não tenho ninguém. As meninas fogem de mim ao perceberem o quanto sou estranho. E com isso colaboram para eu ficar mais estranho, afastando cada vez mais garotas com minha estranheza a todo dia reforçada,num limbo misantrópico sem fim.

Como já disse,eu gostava de uma menina no ginásio, e eu sinto que ela também gostava de mim, mas nada mais posso fazer, pois ela se foi há muito tempo. Daqui quase dá para ver o cemitério. É quase como o muro de uma escola, como o próprio muro do ginásio o qual não posso mais voltar, pois esse muro pertence a outras tardes de luz oblíqua e barulho distante, cada vez mais distante, dos recreios. Uma escola que tem um muro, uma muralha chamada passado.

Uma muralha a qual tento destruir com minha câmera, meu olhar. Sinto que essa é a única arma que temos contra a arrogância do tempo, que nos distancia

dos seres, dos nossos amores e de nossas inspirações de maneira mais do que impiedosa. Contra a impiedade dessa muralha tenho meu jeito de olhar.

Olhar que pretendo registrar na minha câmera fotográfica, que é uma espécie de câmera kirlian onde eu capto a estranheza, a nostalgia, o meu refinamento e minha poesia, uma estranha poesia feita de névoas e tons de cinza, e estranhas energias e influências e emergências, como se eu tentasse fotografar fantasmas, situações perdidas, anseios esquecidos, coisas assim, e o preto e branco de minhas fotos remetem à época perdida em que o mundo só fotografava em preto e branco e assim criava um dimensão monocromática; essa época há muito se foi, e fico imaginando como seria o mundo se as fotos em preto e branco retratassem um mundo realmente em preto e branco, um mundo fantasmagórico e nevoento, uma paisagem espectral, onde tudo parecesse perdido na névoa e tudo pairasse nessa névoa perdida, um mundo ambíguo e indefinível, como de resto são nossos anseios, cujos contornos se agigantam ou diminuem conforme nossos sentimentos e nossa solidão são abalados por coisas ainda mais trágicas.

Mas somente com a solidão podemos dialogar com a verdadeira escuridão onde guardamos aquilo que não queremos ver.

E mais trágico do que as cores cruas da minha pobreza e da minha falta de sucesso e minha solidão, isso é impossível.

Como eu gostaria de morar num mundo completamente desprovido das cores da dureza do existir!... E onde o tempo fosse a todo instante embaralhado. Pois talvez esse tempo de arte fria e cinzenta não esteja eu meu futuro, mas em minha fantasia mórbida tal tempo está no ar pairando delicadamente, bordado pela seda das incoerências bonitas. Um mundo fantástico, onde sempre fosse a meia luz do amanhecer ou do anoitecer de um dia cinzento e frio, cujos vapores gélidos acariciariam como o hálito de um fantasma todos os meus sonhos mórbidos de fama e riqueza!... Às vezes eu fecho os olhos e fico a devanear, e a minha fantasia começa a passear por entre essas paisagens enevoadas onde os meus sonhos jazem congelados. Mas essas são coisas sérias demais para eu ignorar por mais tempo. É um mundo frágil, um mundo que é uma enorme balão de gás hélio, enorme, com vários metros de diâmetro, o qual eu tento segurar com

os dedos; tento ao menos tocar, mas ele lentamente me escapa e paira sobre a minha cabeça, incompreensível, insondável, invencível, misterioso e superior. Um mundo para se tatear no escuro, sem nunca ter a sensação de tê-lo nas mãos. Assim é o que eu sinto pela fotografia da menina fantasma.

Eu tentei tirar a foto da menina fantasma hoje, ainda agora, mas sinto paradoxalmente algo estranho, como que essa foto já tivesse bastante influência em algo que me envolveu, ou me envolveria. Talvez eu estivesse fotografando a minha própria solidão, e que talvez um dia eu dialogasse com ela, e negociasse coisas a peso d'alma. O peso insuportável de pena inócua dos sonhos. E tudo o que me resta são minhas fantasias mórbidas, minha arte estranhamente refinada e distante, enevoada e cheia de possibilidades.

Às vezes eu vejo uma certa miséria do calor do Sol; Sol impiedoso que mostra sem pudores um mundo miserável onde eu não dou certo. Um Sol que parece estorricar todo o solo onde sonhamos nossas sementes de fantasia, que nunca germinam e acabam morrendo. E assim, nos juntamos à leva de zumbis que fazem todos os dias coisas que simplesmente detestam, e apenas suportam o fato de estarem vivos numa vida que não é a que gostariam.

E também há as minhas cinzas.

Explico.

Sempre me disseram que eu tenho jeito para contar boas histórias. Longe de me envaidecer, isso me irrita, pois gostaria de vencer na vida através da minha fotografia em preto e branco. Dizem que, num mundo com vídeoa em alta definição na internet e animações hiper coloridas feitas em computador, não há chance para fotografias artesanais como as que eu faço. Mas eu acredito que justamente por isso, pelo excesso e pela saturação da mídia avançada, é que há ainda no mundo espaço para arte feita de maneira quase artesanal, singela, arte feita à mão, com ambições de intimidade e subjetividade, como as coisas de antigamente. Não vejo problemas em tirar fotos em preto e branco. O problema que eu vejo é em contar histórias, essas sim, para mim são cinzas. É que quando estou criando essas histórias — e sempre fui muito bom em inventar histórias, pois

há ocasiões na vida que é a única coisa que nos resta à beira do inferno; é uma espécie de distração que nos ocupa o tempo e nos impede de pensar no pior — bem, quando estou a criar histórias eu me sinto como um enorme carvão em brasa. No exato momento em que crio, sou brasa, e no momento seguinte, quando a coisa é criada, ela já é a cinza que sai da brasa, ou seja, já é o que foi consumido, o que a brasa não é mais, restos do momento anterior, que não mais existe, que foi apagado, o que já não pertence à brasa. Eu me sinto mal quando aplaudem minhas histórias, pois elas a partir do momento que são registradas no papel já não estão mais ligadas a mim. São como um retrato do que eu já fui e não sou mais. E não importa se se passaram dez anos ou dois segundos da criação dessa histórias; elas são cinzas, são as minhas cinzas, e nada mais tem de mim, pessoa viva. Minhas histórias são um mundo de cinzas que eu vou soltando enquanto caminho por esse miserável vale de lágrimas.

Há algo no ar, o fato de eu tirar fotografias em preto e branco, o fato de conceber essas histórias como poeira de cinzas... mas eu sinceramente não consigo atinar com a coerência na analogia. É o tal balão que tento tatear, e logo ele se põe a pairar sobre minha cabeça... o significado sempre está a uma polegada dos nossos dedos, sempre acima da nossa percepção, é como a nossa nuca, está o tempo inteiro conosco e nunca poderemos realmente ver. E quando finalmente tocamos o balão, ele se revela o mais efêmero dos mundos, e se desfaz em nada tal e qual uma bolha de sabão.

Pensando na limitação do gênero humano, penso no machado que não pode cortar um galho em seu próprio cabo ou uma vassoura que não pode limpar a sujeira do seu próprio corpo. Talvez por isso precisemos tanto uns dos outros. E por isso a auto-ajuda é suicídio. Ninguém pode realmente se ajudar. O caminho para isso se chama solidão, que é o nome daquele pequeno fantasma que sempre está a pairar, enevoado e gélido, nas encruzilhadas dos caminhos que tomamos sozinhos. Talvez a solidão não seja tão mal, afinal de contas, se você ignorar o fato de que o galho em suas costas continuará a crescer indefinidamente até chegar o dia em que as gavinhas se enroscarão na lâmina do seu discernimento e

você finalmente estará cego para a realidade. Se você achar que não há problema algum nisso, seja solitário.

Aquela menina que acabei de ver... eu a vi mesmo? Não sei. Já não sei. Talvez não. Ou pode ser que, incongruentemente, de fato vi uma menina sendo soprada com delicadeza pelo morro, com vestido em forma de lençol, a própria bandeira da loucura solitária. A pena é que ninguém saberá exatamente o que eu vi, ou o que imaginei ver, o que se sugeriu em minha imaginação sem cor a passagem dessa menina em minha frente.

Sem cor.
De cor.
Eu sei de cor.
Decorar.
Guardar no coração.
Um segredo.
Sem cor.
Um degredo.
Sem dó.
Sou um degredado.
Enregelo.

Ao ter esse segredo: eu considero essa minha vida um pesadelo — pois ela só pode ser um pesadelo — do qual eu só desperto quando me perco nas névoas de minha imaginação. E em minha imaginação eu não sou eu, não me considero como eu, eu sou outra pessoa , e por isso eu me refiro em terceira pessoa, pois em minha imaginação esse outro eu é um personagem que imagina personagens, num labirinto confortável e exasperante, uma vez nele eu quero sair, e uma vez fora eu ficou louco para entrar novamente. Minha cabeça é minha pior droga.

Pois por mais sem cor que seja, ainda assim as trevas de minha imaginação são melhores do que essa vida de porra que eu vivo. As nuances de cinza tem mais arte do que as cores trágicas dessa minha vida miserável — e a miséria tem menos a ver com a falta de dinheiro do que a falta de vontade de

viver, esse tédio, esse ar parado, essa agonia sem perspectiva. E assim sentado em vejo o horizonte inclinado, vejo as nuvens doentes de nostalgia, sinto o vento que não amaina a minha febre abstrata, e com os olhos parados no nada vejo o horizonte ficar cada vez mais inclinado, cada vez mais inclinado, até que eu vou escorregando por ele, e caio no meio da nuvens que não estão lá no céu, pelo contrário, elas são frias e estão na altura das minhas canelas, mas esse branco vai subindo e tomando conta de tudo, apagando toda a cor, e eu fecho os olhos e não mais me vejo, pois eu não sou eu, eu sou ele, ele que acorda de mais um daqueles pesadelos onde ele tinha uma vida miserável e, ao acordar, volta a ter uma existência miserável, pois vida e existência são distintas, ainda que ambas tenham suas nuances e nódoas de miséria.

Ele, o escritor, acorda num suspiro de falência.

Sente um calafrio como que vindo de uma região glacial, uma região polar. Sua esposa logo aparece para socorrê-lo:

—Mais um daqueles sonhos maus?

— Sim, querida, eu sonhei novamente que eu era totalmente miserável.

— O que é ser miserável, amor?

— É ter uma vida que a gente não quer levar de jeito nenhum. É viver uma vida que não é exatamente o que a gente queria. É não ser bem-sucedido, mas aqui isso não tem tanto a ver com ser rico, mas em conseguir o que a gente quer de coração.

— Você é bem inteligente, marido.

— Por que você não me chama pela porra do meu nome? — ele se desespera e passa a mão pelos cabelos frios — Deus, como eu quero ouvir o meu maldito nome!

Ela senta ao lado dele. Também passa a mão nos cabelos dele, tendo um sorriso e um olhar de bálsamo:

— Aloysius. Aloysius... Aloysius...meu amor...

— Sequer sei se esse nome é mesmo meu — ele murmurou — Aloysius é o maldito nome para uma mu... Nada existe de verdadeiro em mim.

— Claro que existe, meu amor. A sua arte é verdadeira. E isso é algo que dá para sentir.

— Picasso já disse que a arte é uma mentira que nos permite ver a verdade. Pois eu acho que eu sou uma fraude que permite ver coisas impossíveis, e não sei se isso é mentira ou não. Mas quer saber? Eu não me importo muito — ele suspira — desde que eu esteja de volta. É muito bom estar de volta, ainda que aqui a minha perspectiva seja sempre cinzenta. Adoravelmente cinzenta.

Ela se acomodou melhor ao lado dele. E sem vê-lo, com o olhar perdido no chão, comentou:

— Você fala como se tivesse passado bastante tempo fora.

— Foi um daqueles sonhos ruins de cores vivas. Vivas até demais, eu diria. Mas ainda bem que acordei para a verdade. E a verdade é que essa aqui que eu vejo, onde as coisas, bem ou mal, são as que eu amo e me importo, ainda que às vezes sejam frias e descoloridas demais.

Descoloridas.

Foto numa sepultura.

Levando chuva e lavando esquecimento.

Lamacento.

Ela.

Um sorriso lento.

Lençol. Vento.

— Querida, você está com uma tonalidade desbotada demais. Vamos dar uma caminhada por aí?

Saíram pelo dia cinzento.

Difícil dizer se estava amanhecendo ou anoitecendo.

O dia era uma lâmina na névoa.

De vez em quando as nuvens baixas, ligeiras, a se contorcer como se fossem a reprodução de miríades do quadro “O Grito”, de Munch, nuvens como pequenas múmias com as mãos no rosto e cara de pavor, e de vez em quando elas deixavam entrever um halo no céu, e difícil dizer se aquele disco pálido era o Sol ou a Lua.

Ou Lua.

Ou Sol.

Ou Seja.

Eu sou.

Halo.

Ele.

Ele não pensa mais em si, pensa para fora, então nada existe de particular, ainda que assim o pareça, então ele não é um “eu”, é um “ele”, é um personagem, um heterônimo, um outro, uma grotesca interpretação teatral de si mesmo.

Ele caminha e caminha, ainda se considera um “ele”; pois o seu nome não serve para nada,e assim ele é um outro, é apenas mais uma terceira pessoa que caminha, embolorado e chutando incompreensões irritantemente delicadas, entre sua imaginação e suas memórias que são calçada onde choveu e se infiltrou esquecimento.

Ao chegar num lugar qualquer, ele estancou do caminhar lento e perguntou a ela, estupefato:

— Querida, onde terminam nossas lembranças e onde começa nossa imaginação?

— Acho que tudo o que nos lembramos é somente o que imaginamos lembrar, se é que entende.

Ele suspirou com as mãos nos bolsos:

— Não, não entendo.

E depois completou:

— e nem quero saber.

Ela olhou para ele:

— Mas talvez devesse entender.

O vento soprou. Ela estancou. Fechou os olhos um momento, sentindo o vento. Seus cabelos balançaram. E ela suspirou um murmúrio, longo e impregnado de poesia:

— Mas talvez algumas vezes nós desejamos ardentemente que o que aconteceu conosco tenha sido apenas uma ilusão, e não coisa real. A realidade é

sempre tão assustadora, tão mais fria e tão completamente absurda e não plausível que perto dela os mais delirantes sonhos nada são. Queremos crer que o que nos aconteceu foi fruto de nossa imaginação e não fatos concretos, duros, cruéis e impiedosos, que ficamos em dúvida em saber o que é pior: acreditar no que imaginamos, acreditar no que sentimos ou no que passamos. No fundo, dá quase no mesmo a escolha. Mas é melhor a gente não falar mais nessas coisas, ao menos por enquanto, o melhor é o esquecimento. Essa vida nevoenta já tem névoa demais. Paremos por aqui, ainda que tudo isso paire no ar o tempo todo.

— De acordo, acima de tudo paira o esquecimento cinzento — Aloysius disse, observando o halo entre as nuvens escuras, sombrias, negras, agourentas, como o pó preto que sairá das trombetas feitas de chifre contorcido dos bodes demoníacos do apocalipse. Ele apontou para o halo:

— Veja só essa coisa.

Ela olhou também:

— É mesmo. Que coisa. Oh. Tipo, uma coisa esquisita no céu.

—Hoje em dia as pessoas não têm mais tempo para observar essas coisas esquisitas. O tempo ultimamente anda tão carregado que parece está querendo nos envolver e nos esquecer a qualquer custo. E apesar de tudo persistimos na memória. De quem, eu não sei.

— As pessoas ultimamente andam perdidas, tanto as ignorantes quanto as intelectuais, que são no fundo um tipo mais miserável de ignorantes.

Dizendo isso, ele olhava para o céu catastrófico com as mãos nos bolsos do casaco bem fino de couro bem preto e reluzente, cuja gola se sacudia com violência com o vento.

— O tempo atmosférico é semelhante ao tempo cronológico. De ambos, podemos esperar tempestades. De ambos não podemos escapar. São por sua vez como a memória e a imaginação, gêmeas siamesas furiosas. Onde salvamos nosso esquecimento salvador?

— Na própria memória. E, no entanto, quem irá salvar-nos de nós mesmos e de nossas lembranças e esquecimentos e imaginações e miséria? Vê, sempre precisamos de salvadores.

Ela por um momento pensou e perguntou:

— Será que, mesmo no futuro, existirá a necessidade de que todos tenham um salvador?

Aloysius sorriu, pensando.

Pararam num outeiro onde caprichosos jogos de luz o tornavam ora escuro quando o céu nublado ficava claro, ora o outeiro ficava completamente claro enquanto o céu revoltoso jazia escuro, prenúncio de tempestade. Ela, com os cabelos castanhos sendo violentamente jogados para lá e para cá com a ventania – tão forte que era possível, por assim dizer, nitidamente ver os contorcionismos dos silvos e lufadas por causa das folhas e fuligem e papeis que eram carregados no ar, rodopiando num bailado esquizofrênico tendo ao fundo um plúmbeo céu, um céu escuro como a água usada de uma lavadora de roupa, um céu carregado de água suja da obscuridade, de céu tempestuoso que, no entanto, não desabava, criando assim uma tensão no ar, de eminência de permanente de tragédia; e ele assim sentiu aquela tontura, de olhos fechados, aquela vertigem de onde vem toda a cor, toda a cor, toda tortura, todo o sentido, todo o mundo, *toda a urgência de pobres almas perdidas procurando em vão um salvador nesses tempos tempestuosos tão conturbados, e isso as levou, aos bilhões a ficarem de olhos na tela do programa:*

BIG FATHER

BEM VINDOS AO BIG FATHER!

O PROGRAMA ONDE VOCÊ,QUERIDO TELESPECTADOR,PODERÁ ESCOLHER O SEU NOVO SALVADOR!
TEMOS AQUI OS ÚLTIMOS CINCO PARTICIPANTES.
QUAL DESSES CINCO VOCÊ ACHA QUE PODERÁ SER O NOVO SALVADOR DA HUMANIDADE?
VOCÊ DECIDE! BASTA ENVIAR UMA MENSAGEM DE

CELULAR, CUSTO DE LIGAÇÃO DE LONGA DISTÂNCIA MAIS IMPOSTOS E DEMAIS TARIFAS, E VOCÊ ESCOLHERÁ AQUELE QUE IRÁ TE ESCOLHER!

COMO TODO MUNDO SE LEMBRA, FORAM EXATAMENTE

DOIS MILHÕES DE CANDIDATOS QUE PASSARAM POR DIVERSOS TESTES E PROVAÇÕES, E TUDO FOI FILMADO POR EXATAMENTE DOIS TRILHÕES DE CÂMERAS E MICROCÂMERAS, ESPALHADAS INCLUSIVE PELA PELE E ÍRIS DOS CANDIDATOS. VOCÊ, TELESCPECTADOR QUERIDO QUE QUER UM SALVADOR QUE O LIVRE DESSAS TREVAS EXISTENCIAIS, ACOMPANHOU CONOSCO A INCRÍVEL TRAJETÓRIA DESSES ABEGNADOS. VAMOS VER AGORA UM COMPACTO DO QUE FOI O INÍCIO DESSA TRAJETÓRIA SANTA, NUM OFERECIMENTO DE TODA A INDÚSTRIA AUTOMOBILÍSTICA OCIDENTAL, CRIANDO AUTOMÓVEIS PARA VOCÊ NÃO SE CANSAR NOS CAMINHOS DE SUA VIDA. VEMOS AGORA A PRIMEIRA FASE, QUANDO OS DOIS MILHÕES DE CANDIDATOS FICARAM 40 DIAS E QUARENTA NOITES NO DESERTO JEJUANDO E REZANDO. FOI UMA FASE DRAMÁTICA, TELESPECTADOR; CERCA DE UM MILHÃO E NOVECENTOS MIL CANDIDATOS DESISTIRAM DURANTE ESSA FASE. TODAS AS PENÚRIAS QUE CADA UM DELES PASSOU FORAM TRANSMITIDOS AO VIVO, PARA COMOÇÃO MUNDIAL; VOCÊ, TELESCPECTADOR, PÔDE ACOMPANHAR TUDINHO ACOMODADO EM SEU SOFÁ. A MEMÓRIA DESSES VERDADEIROS MÁRTIRES ESTARÁ EM NOSSOS CORAÇÕES, NUM PATROCÍNIO MAC DONALD´S, GOOGLE E PETROBRÁS, TODOS ESSES VERDADEIROS SANTOS TIVERAM CINCO MILÉSIMOS INTEIROS DE FAMA E DEIXARÃO PELO MENOS CINCO SEGUNDOS INTEIRINHOS DE SAUDADES.

MAS VOLTEMOS AOS NOSSOS COMPETIDORES FINAIS; QUEM SERÁ O NOVO SALVADOR DA HUMANIDADE? CADA UM DELES TEM SUA PLATAFORMA DE ENSINAMENTOS BÁSICOS.

O CANDIDATO NÚMERO UM DEFENDE UMA NOVA RELIGIÃO BASEADA NO DESPREZO AO PRÓXIMO E NA MENTIRA COMO INSTRUMENTO PARA SE ATINGIR A BEM-AVENTURANÇA. JÁ O CANDIDATO

NÚMERO DOIS DEFENDE A TRAIÇÃO E O MERGULHO PROFUNDO EM RELACIONAMENTOS ÍNTIMOS COMPLICADOS, BEM COMO A PROSTITUIÇÃO DE LUXO COMO UMA FORMA DE SE ATINGIR A DEUS.O POLÊMICO CANDIDATO NÚMERO TRÊS QUER SER O NOVO MESSIAS DE UMA RELIGIÃO BASICAMENTE CANIBAL E PEDÓFILA; DEFENDE AINDA O SACRIFÍCIO DOS VELHOS E DOS DOENTES MENTAIS COMO FORMA DE PURIFICAR OS PECADOS. O CANDIDATO NÚMERO QUATRO É O PRETENSO ESCOLHIDO DE UMA NOVA RELIGIÃO QUE PREGA QUE TODOS DEVEM DAR NOVENTA E NOVE POR CENTO DE SEUS BENS A ELE COMO FORMA DE SE LIVRAR DO PESO DOS BENS MATERIAIS E POR FIM, O ÚLTIMO CANDIDATO PREGA A COMUNHÃO COM TODOS OS ANIMAIS ATRAVÉS DA ZOOFILIA E A VOLTA DO CULTO A BAAL, ONDE CRIANÇAS SERIAM SACRIFICADAS EM FORNOS PARA COM SEU AROMA AGRADAR A DEUS E COMO DESESTÍMULO AO CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO, JÁ QUE ELE VÊ A HUMANIDADE DE MANEIRA REALISTA-PESSIMISTA E ACHA QUE O HOMEM NÃO TEM MAIS O DIREITO DE POR DESCENDENTES NO MUNDO.

NESSE NOSSO MUNDO ONDE PAIRA O TÉDIO CINZA E A INDIFERENÇA E A DESCRENÇA, OS NOSSOS CINCO CANDIDATOS A MESSIAS POSSUEM PLATAFORMAS INTERESSANTES PARA TODOS OS GOSTOS!...

E ENTÃO, CARO TELESPECTADOR, A QUEM VOCÊ QUER CHAMAR DE MESSIAS? LEMBRE-SE QUE O NOVO MESSIAS DE UMA NOVA RELIGIÃO QUE DURARÁ UM SEMESTRE INTEIRINHO, ATÉ A PRÓXIMA TEMPORADA DE "BIG FATHER", ONDE ESCOLHEREMOS ON-LINE UM NOVO CRISTO!

POIS É, MINHA GENTE, CHEGAMOS À ÉPOCA EM QUE ATÉ MESMO AS RELIGIÕES E OS SANTOS PASSAM POR UPGRADES DIÁRIOS E SÃO ESCOLHIDOS PELO VOTO DIRETO DO INTERNAUTA!

.

.

E ATENÇÃO, ATENÇÃO, TCHA-RÃNS... QUE RUFEM OS TAMBORES, MAESTRO! E O ESCOLHIDO É...

— O CANDIDATO NÚMERO TRÊS! É MUITA EMOÇÃO, MINHA GENTE! EU TENHO QUE LIMPAR AS LÁGRIMAS DOS OLHOS, NUM OFERECIMENTO PETROBRÁS! GOOGLE! ESSE SERÁ O NOVO MESSIAS DO MUNDO OCIDENTAL POR UM ANO INTEIRO, MINHA GENTE! É MUITA EMOÇÃO! É MUITA EMOÇÃO! VEJAM A ALEGRIA DO NOSSO SENHOR NOSSO NOVO MESSIAS SENDO CONDUZIDO AO SEU TRONO, QUE É A CAMA EM FORMA DE CRUZ ONDE ELE SERÁ AMORDAÇADO E RECEBERÁ UMA INJEÇÃO LETAL PARA COM SUA MORTE LEGITIMAR TODO O SEU SISTEMA DE CRENÇAS. SOMENTE A MORTE DO MESSIAS PODERÁ FAZER COM QUE A SUA SALVAÇÃO SEJA VALIDADA! SOMENTE O SEU SACRIFÍCIO FARÁ COM QUE AQUILO EM QUE ELE ACREDITOU PASSE A SER VÁLIDO UNIVERSALMENTE! VEJA QUE HONRA, SER MORTO PARA SETE BILHÕES DE PESSOAS VEREM E SE ENVOLVEREM EMOCIONALMENTE COM AQUILO QUE ELE ACREDITOU! VEJAM A AGULHA ENTRANDO LENTAMENTE NA VEIA, LEVANDO UM MUNDO DO PROMESSAS E DE ESPERENÇAS PARA O SANGUE DE TODA A HUMANIDADE, QUE AGORA PASSA A ENXUGAR AS LÁGRIMAS E ACREDITAR TAMBÉM ATÉ A MORTE NAQUILO EM QUE SEU AGORA NOVO MESSIAS ACREDITOU ATÉ A MORTE! SEDES SANTOS PORQUE EU TAMBÉM SOU SANTO! E O MUNDO DE ESPERANÇAS ENTRA EM CONTATO COM O OUTRO MUNDO, ESCURO, cinza, tenebroso, onde ele estava sentado no banco com ela, ainda a ver a promessa de tempestade a pairar na meia luz de um céu impossível de dizer se amanhecia ou se anoitecia, naquela hora estranha que o acompanhava.

O acompanhamento do mundo tenebroso, onde se joga o livro das lembranças no rio do estupor.

— Você ficou um tempo calado, querido... imagino que pensava em alguma coisa.

— Sim — disse o escritor — imaginava uma história. Falávamos ainda a pouco sobre a salvação da miséria existencial humana, e aí eu viajei numa nova

história. Algo sobre messias futuros escolhidos num reality show, cada um com sua trama exótica de crenças, e o prêmio do escolhido seria a morte por injeção letal como forma de legitimar suas crenças. Enfim — suspirou — mais uma carne para alimentar leitores com problemas psicológicos e eu ganhar mais um pouco de fama e essas coisas.

O céu continuava tenebroso, tempestuoso, e os cabelos dela se sacudiam violentos. Sem olhar para ele, mas ao olhar para o seu tenebroso era como se olhasse para ele, ela comentou:

— Não gosta muito de falar no que acontece depois da criação de suas histórias, não é mesmo, amor?

— Não, não me importo com o que é feito de minhas histórias. Já lhe contei o porquê. Só sinto prazer no momento em que as crio. Nesse exato momento elas são pólvora sendo consumida por uma chama colorida. No momento seguinte, são cinzas. Eu tenho um nevoeiro a me envolver.

— Você, Aloysius, é praticamente o oposto do que são os escritores nos dias de hoje. Eles estão mais preocupados com as conseqüências da história, quero dizer, com os dividendos, repercussão na mídia, adaptações para filmes, palpites sobre escolhas de possíveis atores, enfim, sonham com os louros... os louros são mais coloridos do que a história em si, e a essa última eles não amam e não se envolvem; a fazem maquinalmente, usando fórmulas e receitas prontas. Os escritores hoje são homens de negócios. A escrita literária é feita pelo mesmo movimento de punho com que assinam os contratos e os cheques. Sabe, amor, se eu não soubesse do tipo de angústia que lhe corrói a alma eu lhe daria os parabéns por ser do jeito que é. Mas também é verdade que há algo muito errado em seu jeito de ser. Os outros, os que se portam como empresários, sabem muito bem o que é ficção e o que não é. Sabem o que é real e se satisfazem muito bem com isso, ainda que a maior parte do que escrevem e eles próprios não passem de um monte de merda. Você, ao contrário, vive no limiar dos dois mundo, entre a realidade e a imaginação, ainda que tenha um ligeiro pendor por essa última, e cada dia mais. Você está se perdendo e se consumindo ao escolher existir desse jeito. Seu fim será explosivo. Mas certamente será bonito.

Ele também via o céu obscuro e a si mesmo.

— Uma esposa não devia dizer essas coisas. Eu amo você por isto.

Do alto do morro escuro, escurecido com pequenos reflexos brancos, cambiantes, que era os talos dos tufos de capim alto onde se refletiam os trovões, eles contemplavam a cidade lá embaixo.

— Sabe, foi ali naquela escola lá embaixo que eu fiz o segundo grau — a esposa disse, um tanto sonhadora.

Silêncio.

Silencia alma.

Vento.

Nuvens. Baixas. Negras. Contorcidas.

Vento forte.

Faz seu uivo, mas ainda assim sobre ele paira o silêncio.

Ela mexeu na bolsa.

Tirou umas páginas.

— Tome. Leia. Você escreve muito. Está na hora de aprender a ouvir o que eu tenho a dizer.

Ele leu a história:

Elipse

Sinto loucura pelo Sol.

Escura sensação, esta, de me deixar banhar pelo sol do outono; já ninguém faz mais isso pois o verão acabou e aqui estou eu, bronzeando-me aos duvidosos raios desta manhã, aproveitando essa luz fugaz antes dessa minha tristeza anual chamada inverno.

Nada no mundo pode expressar o quanto o inverno me deixa triste; é certo porém que é uma tristeza necessária e, em determinado momento, bonita e que me traz caminhadas negras no nevoeiro branco - às vezes essa brancura

opressiva e desumana deixa de ser o horizonte para virar uma parte do meu espírito onde eu reluto em deixar algumas pegadas amarelas, amarelas de sol. Ainda assim o inverno agride algo em mim, algo ancestral e selvagem que se sente acuado com todo aquele frio destrutivo e nesse momento me vejo irmã de todos os animais que fogem do frio tais como boa parte das aves e dos ursos que hibernam. É certo que há pessoas que gostam do frio e nada tenho contra elas; por vezes elas se aproximam de mim mas quase nada temos em comum, e em boa parte dos casos essa aproximação é como a que existe entre dois inimigos mortais que se odeiam com todas as forças já que cada um representa não só a antítese, mas também a completa aniquilação do outro. Inimigos que se aproximam e andam lentamente em círculo ao redor do outro, espada e escudos e olhares — todos imbuídos de desconfiança, irritação, raiva. E também — por que não dizer? — um estranho fascínio intenso e honesto, uma quase admiração que quase vira amor. Eu sou o dia e essas pessoas, a noite, e a nossa admiração mútua seria como o momento em que o dia e a noite se tateiam de leve com os lábios e eles ficam coloridos de violeta, vermelho e ouro e são chamados de nascente ou poente, e assim por um instante nos tocamos e sentimos que mesmo mundos tão diferentes quanto nós podem ter coisas em comum abaixo da ternura dos nossos corpos.

(Mas o dia segue sua marcha e a noite faz o mesmo, e ambos se afastam cuidando cada um de sua natureza. Infelizmente. "Desencontro. E Ponto. final").

Estou sentada com as costas escoradas no velho muro vermelho de pedras frias que há atrás de minha escola e balanço os pés, sentindo com prazer o calor do sol de outono nas minhas pernas enquanto que o resto de mim está imersa numa penumbra azul. Estou de cabeça baixa e pálpebras entrecerradas, refletindo, cabelos balançados pelo vento da manhã.Era para eu estar na aula, mas nada ligo. Eu passo mais tempo aqui, nesse lugar ermo que ninguém vem do que nas salas de aula ou em outro lugar qualquer. Eu venho aqui desde quando tinha cinco ou seis anos, desde a pré-escola. Eu fugia da escola por aqui, e corria

através desse mato com meu vestido branco, sentindo bem, liberta; alguém naquela época tirou uma fotografia em preto e branco de mim; na foto pareço um fantasma — havia algo de fantasmagórico em mim já tão pequena. Há mesmo algo de cemitério nesse muro, e fico imaginando em qual dos lados eu me encontro, qual dos lados é o menos pior. eu tenho um pouco daquilo que se costuma comprar por quietude, aquela coisa parada que vem antes das tempestades. Aqui eu fico a quase cochilar, a quase pensar em alguma coisa. Aqui eu me sinto protegida para essas coisas, coisas desnecessárias como a liberdade e o encontro de si. Eu fantasio coisas aqui. E procuro me aquecer, procuro a sensação boa das coisas mornas e aconchegantes, procuro pensar no sol e nas cores. Um sonho que eu tenho recorrente é um em que eu sou um girassol gigante que nasceu na região de gelo e que tem de casar com o sol para evitar o fim do mundo. Será que esse é o destino de toda mulher, o de fazer coisas que não gosta somente para evitar desastre piores?

Suspiro então. Estarei sendo totalmente honesta? Eu também tenho algo de muito obscuro em mim, algo que não está inteiramente identificado com o sol. Uma parte de mim é fria e escura. Quem sabe se não é ela que atrai, por afinidade, essas pessoas noturnas e frias para perto de mim? E quem sabe se no fim eu sou muito mais "inverno" que todas essas pessoas juntas? É horrível quando penso nisso. E me canso. Me canso de mim. E espero por alguma oportunidade de me livrar de mim mesma, ainda que essa oportunidade esteja personificada no semblante de algum obscuro amor, de um príncipe encantado das trevas, que me liberte dessa trama de algemas e correntes frias e enferrujadas que por anos eu criei ao meu redor e que me impedem que eu fuja de fato. Quero alguém que me ajude a fugir de mim. A fugir da minha frieza que se esconde por trás do meu aparente calor, do meu calor superficial que atrai pessoas frias superficiais iguais a uma casca de um lago congelado .

E pior do que as pessoas frias a quem eu atraio,há aquele cara que gosta de pensar que é fotógrafo. Ele é um cara que nunca conheceu os verdadeiros abismos da vida e por isso vive fantasiando seus problemas e sua vida, sugerindo que as coisas para ele são piores e mais descoloridas do que para as demais pessoas — aliás, ele acha que as coisas sem cores são frias e tristonhas, o pobre imbecil ainda é um desses idiotas que precisam se apegar à dicotomias melosas para ver algum sentido em si, e nem por um momento reflete que existem cores tristes também; por exemplo o inverno nunca é totalmente cinza; há sempre nuances de azuis, violetas, lilases, amarelos... e os céus noturnos de inverno são os mais puros e cristalinos do anos inteiro... as estrelas de inverno sempre são as mais brilhantes. Pobre tolo, pobre burro, ele pensa que tem alguma chance comigo. A pena é nem sei se terei tempo ou ânimo na minha vida para lhe dizer que ele é um fracasso alegre e colorido que pensa que é malvado, que é do mal, que é diferente e artístico. Ele persegue fantasmas. E certa forma, eu também.

Mas se assim não fosse eu não estaria aqui, fora da escola, em pleno dia de aula. Estou prestes a desistir da escola, mas ainda assim é com prazer mórbido que me entrego às escapadelas, e aqui, fora do pedagógico, me entrego ao que é culto, ou melhor, ao culto do vazio que é insuportável ao ambiente escolar, que sempre tenta preencher esse vazio inexorável com conteúdo escolar destinado a ser esquecido e engolido pelo vazio. E, veja, mesmo a morte é engolida pelo vazio, pelo que nada temos em que nos agarrar. A não ser algumas distrações. Distrações não para distrair, talvez para extrair da morte um pouco de falta de sentido e de perdição acolhedora. Alguém que nos mate de amor... isso só se encontra na fantasias literárias.

Por isso volto minha atenção para o livro que comprei no sebo no dia anterior. Não sei do que se trata; em geral escolho o livro não pelo título ou autor, mas pela cor da capa, pelo peso, pela consistência e textura das páginas, pela antigüidade, pelo cheiro. à primeira vista parece um critério temerário, mas os

melhores livros que já li foram adquiridos desta maneira. Parece que o meu livro é antigo. Logo na primeira página tem uma dedicatória. Uma letra preta inclinada para a direita, e escrita com força. bonita de se ver. Eu passo a vista nas primeiras linhas que surgem, efêmeras, confusas e que parecem se desmanchar sob o olhar. Alguém que caminha, um jovem, uma camisa de manga curta sobre outra de camisa longa, cabelos eriçados como raios, ele caminha por ruas estranhas ao meio dia - ruas estranhas pois não deveriam existir mais, ou melhor, elas existem, porém deveriam ter mudado. Onde estão os prédios e o movimento dos carros? Meio dia de um lugar que parece ter parado, e ele não compreende o que está acontecendo. ele já passou por ali; passou muitas vezes mas nada mudou. olha ao redor, olha para si mesmo, olha para algum indício da passagem do tempo. O tempo não passa. Podia ser dez anos antes, ou dez anos depois. Mas é, de fato, dez ou vinte anos antes, e o mundo parece estar parado, quebrado para sempre no meio dia.

Sente que algo está errado.
Sente a luz do meio-dia.
Mormaço.
Sente o sol.
Sufoco.
Ele é louco.
E vai fazer uma loucura.
Instinto.
Poder.
Insiste em ceder.
Consciência.
Consciência do tamanho do Sol.
Mas o Sol é pequeno visto dali.
Pequena coincidência.
Droga; isto já não aconteceu?
Por que isto sempre volta?

O instinto; e sua camiseta de manga curta tem um gorila nas costas feito por ele mesmo - ele tirou essa idéia de um sonho. Ele vive seu sonho, e isso é pior do que viver sonhando. Mas ao mesmo tempo é mais venturoso, e só os verdadeiros homens compreendem isso. E ele é homem. Homem de verdade, desses que as mulheres desejam entre suores e lágrimas de viver para sempre com homens que não são assim; a bem da verdade homens que nada têm de homens. Ele é um selvagem que não compreende as nuances do tempo; tudo para ele é igual. Nem as nuances da civilidade: isso para ele é esse esqueleto de aço do prédio, esperando que algum incivilizado trepe para ver melhor das alturas. Ele balança as pernas no ar, observando, com o coração impaciente. Ao longe, muito ao longe, no horizonte disforme de quadriláteros cinzentos e colunas de fumaça desconhecidas da cidade, ele vê a mancha vermelha. Talvez um muro. Resolve ir até lá.

Paro de ler e vejo o que há na minha frente.

O chão de terra vermelha.

Um céu azul cobalto escuro.

E o verde vivo e sem sombras de uma verdadeira floresta de coisas espinhosas e que incomodam. Terei coragem?

O chão de terra azul.

O céu vermelho sangue.

Perco-me. Perco-me.

Escureço-me.

Em outra leitura, aparece novamente o rapaz que está prestes a dar um salto. Ele desce, atraído por aquele longínquo e pequeno muro perdido na circunferência da vista.

Pé na estrada.

Está quente e abafado.

Quente e úmido. Pensamentos sacanas.

Cadê o movimento dos carros, dos ônibus, das pessoas? Tudo desapareceu.

Um mormaço descomunal, um ar úmido e quente, tremulante, uma umidade que paira, quente, melíflua, opressora, esmagadora, que convida à libertação. Algo precisa ser feito, ele bem sabe, ele, logo ele, o malfeitor.

Ele vai caminhando, se sentindo sozinho sempre, e às vezes desconfia que a sua solidão é psicológica; que na verdade os ônibus e as pessoas estão onde sempre estiveram, mas ele não nota nada disso porque isso nada representa para ele, seu único alvo é aquele muro vermelho avistado do alto do esqueleto do prédio.

Quanto tempo levou a caminhada dele? No caminho ele fez alguma outra coisa? São muitos os que juram que sim, inclusive aqueles que presenciaram a chacina na quitanda onde o japonês teve a cabeça esmagada, mas isso não importa muito, pois eu li exatamente o que queria ler.

Eu li que ele finalmente chegou no muro vermelho.

E lá tinha uma menina escorada, lendo o livro tenebroso dos dias.

Ela já tinha se perdido na floresta espinhosa das coisas que incomodam. Ela queria muito não se incomodar mais.

Ele chegou até ela.

E ela era eu.

Ele me deu um beijo.

E o beijo era um tiro.

Eu gostaria sinceramente que tivesse sido uma faca, pois o brilho da faca sempre é o brilho de um olho passional.

Mas ele sequer me desejou e por isso eu o amei.

Ele queria apenas praticar o mal, e esse foi o maior bem que alguém me fez.

O céu vermelho era meu sangue, que foi turvando meu olhar e meu corpo jogado no chão e ia colando meu vestido frio e empapado de sangue ao meu corpo que esfriava. Ainda senti o bico dos peitos intumescidos, enquanto que aquela sensação elétrica de estar me desfazendo ia me invadindo como uma essência, um perfume, um choque escuro, e eu sei, sei como se sempre soubesse, a delícia de não mais existir e agora todas as estações adejam pela

minha epiderme simultaneamente.A minha cabeça derrubada vê a floresta se desfazer, o horizonte é um risco vertical, e a minha vida esteve em risco, e já não está mais, nunca mais, e um rio vermelho sai do meu corpo e se mistura pela última vez ao rio da morte, que vem e me enche até de mim nada mais restar, a não ser na lembrança de quem nunca me possuiu, mas estes, por sua vez, terão de se perder na trama incômoda que criaram e que paira, paira, acima do bem e da cor.

Eu passei o muro do tempo. Outros apenas olham para ele, querendo destruí-lo apenas com o olhar selvagem. E o olhar dos animais selvagens é sempre preto e branco. Enquanto isso, o muro paira, ameaçador, separando lá e o aqui, e entre lá e o aqui é que você está, meu querido fotógrafo que me tem viva no coração, mesmo sabendo que há muito eu não estou mais entre vocês e mesmo sabendo que nunca o amei e nem nunca o amaria. Mas em sua fantasia eu sou sua esposinha, faço sua jantinha e de vez em quando damos a nossa transadinha, enfim, sou obrigada a fazer os seus caprichos para evitar o seu fim do mundo. Ficamos juntos até nesse alto de morro, vendo um céu tempestuoso se revolver como se fosse feito por nuvens escuras gigantescas atingidas por estranho sal. Você contempla coisas impossíveis, e eu o admiro por isto. Pois há uma certa beleza nos tolos que não querem sê-lo.

Por isso tome essas páginas como um beijo! Talvez assim possamos de algum modo nos tocar, ainda que não haja a beleza iridescente, multicolorida, de quando a noite toca o dia em auroras e poentes. Há somente a necessidade que existe entre o girassol e o Sol.

Num campo de gelo.

— Eu não compreendo, querida! Você escreveu uma espécie de diário fictício em que descreve sua própria morte...

Ele disse. Ela agradeceu, comovida, de cabeça baixa:

— Oh, muito obrigada, querido, mas acho que não há mistério algum, acho que fui muito direta, até.

— Mas eu não compreendi quase nada, mesmo sentindo a evidente beleza poética.

No alto do outeiro, o vento chegava a ser escuro. Os talos de grama alta tremulavam ao sabor dos assobios dessas rajadas de ar. Na massa assustadoramente escura das nuvens baixas às vezes forte clarões deixavam tudo como que imersos em um flash fotográfico.

— Até que isso me lembra de quando eu tirava fotos... os flashes da minha velha máquina criando imagens fantasmagóricas. E teve aquela foto impossível daquela menina fantasma, que me deu uma impressão de solidão sem tamanho.

— Eu acho que você fez uma espécie de pacto com essa solidão, amor.

— Foi mesmo. Desde então, a minha vida tem um elemento estranho, ou melhor, de estranheza no meu olhar. Eu acho que nada disso que estou vivendo é real.

— Mas esse é o ponto, Aloysius! — ela finalmente pegou no braço dele ao mesmo tempo em que algumas gotas caíram, e não do céu, mas dos olhos dela — esse é precisamente o ponto!

— Que ponto?

— Sabe, onde você vê uma vida cinzenta, todo mundo vê cores. A culpa não é desse mundo, não culpe o mundo pela sua própria incapacidade de ver sentido nas coisas! Veja, não venha com essa balela de “Matrix”, de achar que vive num mundo que não é real! Esse mundo é real, sempre foi real, o que é estranho é o seu olhar sobre ele. Sua tristeza infindável é que torna tudo cinza. Você quer escapar, escapar para um mundo onde possa haver cores, e acha que isso só é possível quando cria, mas também pode haver cores quando se tenta ser feliz!

— Ei, mas você sabe o meu segredo, eu já lhe contei!

—Sim, eu sei o seu maldito segredo. Que você só vê cores quando cria e quando tem aqueles sonhos em que é um fotógrafo pobre.

— Sim, e o que você deduz disso? Aloysius perguntou, triunfante.

— Eu sei o que você deduz, Aloysius. Deduz que os seus sonhos em que é um fotógrafo pobre é o único momento em que realmente está acordado, e que tudo mais é ilusão. Seus sucesso como escritor é uma ilusão, é isso o que você pensa, não é mesmo?

— Sim, é isso mesmo.

— Mas eu dou outra explicação para isso.

— Qual?

— Ora, pense um pouco: se você só vê cor quando cria e quando sonha, então o que você sonha também é criação sua. Toda essa história de fotógrafo pobre também é outra história inventada por você! Você nunca foi fotógrafo, sempre foi escritor. Você inventa histórias, e essa história de fotografar é só outra história, outra história idiota que talvez um dia também lhe dê dinheiro e prestígio.

Um relâmpago. O limiar se aproxima.

Primeiro uma sombra.

Depois, a figura do amigo de Aloysius.

Parecia que tinha caído de algum lugar.

Ainda tinha a calça listada, mas no lugar do terno ele usava uma camiseta com a figura de um gorila.

O céu negro se contorcia, como se as nuvens estivessem morrendo.

Relâmpagos.

Clarões.

— Eu tenho outra explicação — disse o amigo de Aloysius, de mãos nos bolsos —Você não sabe em que se apegar.

Aloysius viu a camiseta branca com um gorila. E lembrou da história descrita por sua mulher. O assassino dela possuía uma camiseta idêntica.

— Eu não entendo... — ele pôs as mãos na cabeça — eu acho que vocês querem que eu fique louco... você — Aloysius disse apontando para o amigo — se parece com o assassino descrito por minha mulher, com o assassino que a matou... e você — apontou para a mulher — você me entrega um texto em que descreve a própria... a própria... saiam daqui! Saiam daqui! Vocês são demônios!

Mãos na cabeça.

O grito.

O quadro.

Amigo e mulher, de mãos dadas.

— É difícil quando o mundo fica de cabeça para baixo, não é Aloysius? — a esposa falou de olhos vidrados, olhos em preto e branco.

Assassino e amada.

— Você está enlouquecendo, meu amigo — seu amigo soltou essa frase de maneira rouca. Um olho preto e outro branco.

Dois infernos implausíveis.

Aloysio fecha os olhos, e por um relance vê nos campos escuros iluminados por relâmpagos e vulto, correndo, da solidão, como uma menina envolta numa névoa em forma de vestido.

Do céu tempestuoso não cai nenhuma tempestade. Paira apenas a ameaça, o limiar.

Ele está no seu limiar.

O limiar é uma lâmina.

Uma aguda dor na cabeça. Ele está de pé, mas vai abaixando a cabeça.

Suas mãos seguram com força a cabeça, como se ele não quisesse ouvir o grito que dá.

Um grito de silêncio.

Ele curva o corpo até a cabeça quase encostar nos joelhos, e, com as pernas arqueadas, ele olha para o céu.

Ele, no seu limiar, começa a sorrir, pois lembra de quando era criança e fazia isso. Quando virava a cabeça de ponta para baixo para ver o céu, e tinha a vivia impressão de que a qualquer momento iria cair no céu. No céu, no céu... a morada dos anjos. Talvez ocorra o mesmo com os anjos quando eles ficam de ponta-cabeça; talvez pensem que caiam na terra. Os anjos que caem na terra com certeza pairam de cabeça para baixo. E assim ele sentiu aquela vertigem, pela última vez, sentiu aquelas cores que sempre lhe vem quando criam alguma coisa. E criou uma poesia enquanto sentia o limiar da lâmina, e a declamou de olhos fechados:

No ar

Há

almas

mas

algumas

andam

de

ponta

cabeça

.

.

.

A cabeça

do anjo

aponta

a terra

assim

como

seu pé

pisa

o céu

.

.

.

Anjo

é

alma

invertida

e gente

é anjo

ao avesso

.

.

.

anjo cai para cima

gente tropeça pra baixo

e quando

uma criança

planta bananeira

ela está se lembrando

de como

eram as coisas

.

.

.

Hoje eu sonhei

com um deus indiano azul e sua mãe

sobre eles

eu sobrevoei

como uma flama

e me dei conta que

a gente

é anjo

para os anjos

Eles oram

não por nós

mas para nós

.

.

.

E depois do grito, ele abriu os olhos novamente e em sua frente estava ela.

Ela ele.

Ele ela.

O anjo da Solidão.

Linda como algo que nunca teremos, e efêmera como aquilo que precisamos.

— Ora, olá, escuridão, minha velha amiga — ele disse para o anjo em forma de menina de incontáveis eras.

Paira no ar, a névoa.

Névoa esquecimento.

Cinza.

Do momento mais cinza.

Caco, cristal, transparência cinzenta.

Como partido espelho, caem fragmentos de esquecimento, uma chuva paira, calma.

Sem cor.

Momento.

Seis da manhã. Ou quase. Ou antes, ou depois.

Não era noite e nem era dia. Só era cinza e frio.

— Sonho por sonho. Eu disse o preço.

Ele olhou para o anjo, cansado.

Ele vivia no limiar, desde então.

Entre a cor e a não cor.

Entre o sonho e a realidade.

Ele se refugiava ora em um, ora no outro.

Decidiu não fugir mais.

Decidiu não sonhar mais.

Decidiu não acordar mais

Partido espelho, fragmentos de esquecimento.

Ele pegou um fragmento.

Feriu os dedos.

E usou para desistir de tudo.

A dor.

O corte.

A cor.

Do sangue.

Ele fechou os olhos.

Sentia que chovia.

Sentia que tudo voltara ao normal.

Mas decidiu não abrir os olhos para conferir.

Pois sabia que estava caindo para cima.

Caindo para cima, caindo para cima.

É o que acontece quando gente vira anjo.

E mesmo anjo vira solidão;

FIM

JOSIEL VIEIRA DE ARAÚJO

17 DE OUTUBRO DE 2009

19h33min.

PS: Mas ele não vira. E nem verá.Apenas sente. Sente muito.